«Assim estaremos nós, agora que os cabelos brancos nos obrigam a olhar para traz, não direi já com saudade como os sentimentalistas, mas com justa compreensão. O mundo tem dado tantas voltas, a vida tem levado tanto encontrão que poderemos pensar até se haverá juizo nem no para compreender com justiça.

«Mas, enfim!... Vamos adeante.

«Obrigado pelas tuas palavras a respeito dos meus trabalhos. Na verdade tive a vaidade de planear, já ha muitos annos (ha vinte? ha trinta?) uma revisão da historia das campanhas da Restauração, considerada no ponto de vista do valor dos chefes militares que vão corresponde, com exactidão, segundo creio, ao que vulgarmente se escreve. Mas que queres? A vida não favoreceu o plano; o tempo foi passando; o centenario aproximava-se e o meu desejo de levantar problemas e de chamar a attenção para novo rumo da historia militar, foi ficando estorvado pelas «agruras do caminho» como diria qualquer poeta em transe de gestação.

«De todas as notas tomadas, resta apenas o que pensava de Matias de Albuquerque creatura com que simpatisei, verdade seja, por certos pontos de contacto encontra-

dos. E foi nisso a que se limitou o grandioso plano que formára. E confesso-te que já não chego para m.to mais: sinto-me, francamente, a tender para o nome de baptismo do vencedor do Montijo...

«Procuro acabar uns outros trabalhos em que me meti, tambem projectos de ha muitos anos; e depois... não sei. A vida e a saude dirão a ultima palavra. E demais, meu caro, para o interesse que esses meus trabalhos teem despertado... não vale a pena o menor esforço.

«E a proposito de saude, etc.»

Paz: Agosto.

Agosto: 8.

Para variar, dois casos mais ou menos comicos.

Recebi ha dias uma circular duma empresa editora q. vai publicar uma especie de anuario que se entitulará Quem é alguem em Portugal; a circular informa de que a empresa quer «conseguir a biografia dos militares ilustres da 2ª Região "Militar» p.a constituir um capitulo da publicação. Juntamente vinha um questionario p.a eu preencher.

A minha permanente má disposição fez com que hoje respondesse assim:

«... Acuso a recepção ... etc. e informo-o de que eu tenho já preenchi, como escritor, impresso semelhante ao igual ao que me mandou. Não tenho, pois, que preencher segundo questionario, tanto mais que a circular me classifica de militar ilustre da 2ª. R.M. Deve haver engano na direcção ou talvez troca de nome com outro qualquer camarada. Declaro que não sou militar ilustre e as provas são fáceis de apresentar. Sem outro assunto, etc.»

O destinatario, de certo, riu-se e chamou-me maluco. E teria razão.

E agora, o outro caso — que tem o seu quê de irritante.

Escrevi esta carta ao capitão João Lopes, presidente da Camara de Mafra.

«... Acuso a recepção do cartão-circular datado de 1 do corrente em que me comunica ter o meu nome sido indicado p.ª fazer parte da Comissão de Honra do Congresso Mariano que em breve se realisa nessa vila. Agradeço m.to reconhecido a honrosa escolha do meu nome e a atenção que o facto representa; mas cumpre-me informar, para esclarecimento de situações, de que eu não posso aceitar

o encargo, porque a mi? qualidade de não-católico assim o indica e impõe. Rogo pois a V.ª o subido favor de me considerar fóra da distinta Comissão não sem, como disse acima, me confessar agradecido. E creia-me, com toda a estima, etc.»

O caso foi o seguinte: no correio de hoje recebi um cartão com a seguinte lenga-lenga:

«Tri-centenario da Padroeira / Congresso Mariano da vila de Mafra. / Realisando-se nesta vila, no próx.º dia 11 do corrente sob a presidencia / de Sua Eminencia o Cardeal Patriarca de Lisboa, as cerimonias / comemorativas do Tri-Centenario da Padroeira de Portugal, resolveu a / Camara de participar que foi indicado o nome de V.Ex.ª para constituir / a respectiva Comissão de Honra. / A ilustre Familia de V.Ex.ª terá lugar reservado nas solemidades. / 1-8-46. / O Presidente / da Comissão executiva / (a) João Lopes, cap.»

Junto vinha outro cartão com o programa dos festejos — que são de arromba.

Ora isto teve o condão de me irritar e bastante. Ontem encontrára o Lopes e fa-

lei-lhe na necessid.e de alinhamentos nos caminhos do Lugarejo da Paz p.a evitar construções que no futuro possam prejudicar a expansão do povoado. O homem, naturalmente, julgou-me convertido ao Estado Novo e não esteve com meias-medidas: fez-me entrar na Comissão de Honra dum Congresso Mariano presidido pelo Cerejeira!

Daria vontade de rir se não me irritasse. Obrigou-me a escrever a carta que aí fica, coisa que não tive gosto nenhum em fazer e quem sabe se ainda me irá obrigar a desmentido publico se nos jornais vem a relação dos honrados com a Comissão. Quero dizer: isto pode fazer projectar sobre a m.a pessoa a atenção dos outros quando exactamente o meu desejo é de que se não lembrem de mim e me deixem em paz.

Mais uma causa de irritação e de mal estar que me faz maldizer cada vez mais esta porca da vida — q. acabarei por extinguir um dia, não sei quando, mas quando a irritação subir a ponto suficiente.

Sempre o raio do padre! que junto a muitas e variadas coisas intimas me reduzem a um pobre estafermo quasi sem vontade e que afinal só anda no mundo aos encontrões.

Paz: Mafra.

Agosto: 12.

A festa lá se fez sem a m.ª presença... Não saí daqui, nesse bendito Domingo — mas vi o suficiente na estrada quando as varias procissões do norte do concelho passáram á porta.

Mulherêdo, muito mulherêdo; creança vestida de branco, com uma grande cruz de Christo estampada; e certa quantidade de homens, novos e velhos, com ar que não sei definir mas que me pareceu um tanto ou quanto afatermado. Toda esta gente conduzia andores com imagens pequenas, auripas, e ia cantando mecanicamente o Avé da N.ª de Fatima, cantico agora em moda, simbolo musical do ultramontanismo predominante.

Na volta para as respectivas freguesias, á tarde, notei que, intermeado com os canticos de Fatima, se rezáva o Terço em andamento. Certos matutões, de rosario na mão, passávam uma conta e diziam com voz soturna: «Por aqueles q. andam nas aguas do mar!...» e o côro, mais soturnamente, gritava: «Padre nosso etc.»

Uma farçada pura porque esses matutões enquanto iam largando a oração, lançavam olhares sôrnos para as mulheres e

1431

estas, com vozes esganiçadas, iam por sua vez, contemplando o snr. Prior que, nas freguesias que passaram era, em regra, um rapaz novo, mais ou menos elegante, barbeado, penteado com brilhantina e fixadôr, de ademanes catitas.

Tudo aquilo, quer á ida para a vila quer á volta, meu deu a impressão de autentica farçada, mas tudo com aspecto disciplinado. Disciplina aparente? Não sei, mas via-se que havia ordem.

E em obediencia a quê? Que tremendo poder ha em tudo isto que transformou este povo amigo de folganças e festanças nesta fiada de penitentes que cantam o bendito e o Avé á S.ª de Fatima como automatos, movidos por qualquer maquinismo oculto? Triste final de longa serie de erros cometidos pelo Liberalismo que deixou, com a larga e generosa tolerancia crescer nas suas barbas o mais velhaco, o mais duro, o mais descaroavel e tenaz inimigo! E depois, ainda, a Republica que abandonou esse problema, tem graves culpas que resgatar.

Eu já me sinto velho, não verei todo o descalabro; mas confesso a este «tão certo secretario» que tenho m.ta pena das gerações futuras.

Paz: Mafra.

Agosto: 14.

Mais extractos duma carta para o Pires Monteiro. Só extractos que dizem alguma coisa:

«.... Esse caso do centenario do Sebastião Teles é caracteristico e revela bem o criterio governativo actual. Quem sabe se querem fazer do ilustre autor da Introdução ao estudo dos conhecim.tos militares um precursor do Estado Novo? Por isso eu disse e lhe repito agora francamente: eu faria, do mesmo modo, o trabalho projectado p.a a 2.a edição e se não vingasse o projecto poderia publica-lo noutra qualquer parte como contribuição pessoal. Falarêmos largamente... etc.

«.... Li a nota bibliografica sobre a «Gloria em sangue.» (1) Francam.te lhe digo que gastou cêra demais com defunto tão ruim... Bem sei que ha necessid.e de dizer qualquer coisa quando os livros são oferecidos e, neste caso, não se poderia fugir á obrigação; mas não valia a pena traçar tantos circumloquios para dar a entender

---

(1) Do P.e Alvares de Almeida. Nota no n.º 7, a pag. 372, da Revista Militar, vol. 98.

que se não gostou da obra. Gostei, devo dizer, da crítica; o autor deve ter percebido que na Revista há independencia de julgamento e q. se não amparceirou com tanta lamuria da boa imprensa. O Alvares de Alm.da anda a explorar com o gosto da epoca, ou melhor: com o gosto oficial da epoca — e isso, para mim, é prova de inferiorid.e intelectual e nenhuma probid.e literaria. Deixei, até, na Revista, no meu ex.ar, no final da noticia, depois de a ler, uma nota resumida do que aqui fica, como desabafo dum mal humorado em terra de paloios.»

Paz: Mafra.

Agosto: 15.

Hoje foi carta para o Laurenço Chaves Almeida de q. aqui ficam só uns extractos que podem ter interesse para este amontoado de notas:

«.... Custou-me ler o que escreveu acerca das impressões deixadas em certos homens de letras pelo seu opusculo biografico do Fleiturzinho [1] Era natural a reacção em gente que pensa e sabe ler; assim co-

---

(1) A biografia do Pauto Fleiturzinho do Loureiro... Opusculo, Porto, 1946.

mo achei natural o silencio do Episcopado. Os bispos, meu caro Lourenço, não gostam de tais assuntos; o Pleitorsinho, se fosse vivo, estranharia estas atitudes dos purpurados e seus subalternos; e quem sabe se promoveriam a sua prisão por «uso ilegal das relações com o céu...» Eu sei lá! São capazes de m.to mais.

«Os meus parabens pelas conclusões de arqueologia artistica. Curiosas e inesperadas. São, realmente, uma boa nova, como diz, e que me deixa satisfeito.(1) Na verdade, ha muita coisa ainda para descubrir; houve uma larga epoca em que se estabeleceram certas verdades garantidas, das quais se não poderia discordar sem risco de excomunhão... Ainda bem que começam a aparecer heresiarcas que, felizm.te, ainda vão vivendo sem excomunhão maior.

«Eu, na m.a pobre tarefa de historiador militar sou um tanto ou quanto heresiarca; mas tenho a sorte de o episcopado da m.a classe não ter dado pelas heresias... Ainda bem! Não as perceberam. Continue, pois, meu caro Almeida, com es-

---

(1) Estudo acerca dos tumulos goticos de Braga e Vila do Conde.

seus seus estudos e trabalhos; nesse especialidade tem mais quem o leia e quem o compreenda; e as suas conclusões, sendo problemas como são, terão o devido apreço e, no futuro, o devido valor.

« Com m.to gosto reverei as provas da sua Seminium. Pode dizer ao Alvaro Pinto que vi' as mande para aqui. »

Paz: Mafra.

Setembro: 25

Recebi hoje, pelo correio, sem nota de remetente, dois papeis impressos do Movimento de Unidade Democratica, ou por abreviatura: M.U.D.

Vê-se que o movimento continúa; parece, até, que não querem perder o direito de legalidade (pobre legalidade!) que ha um ano o governo lhes deu pouco pensadamente, valha a verdade.

Farão bem, possivelmente. Continúo pensando que tudo é inutil com esta gente que nos governa á força.

Os papeis tratam: um do caso da não admissão de Portugal na Organização das Nações Unidas (O.N.U.); o outro da representação que mandaram ao presidente Carmona para mantenem o direito de se lhe dirigirem.

É claro que os homens do governo, embora o caso lhes desagrade, riem-se de tudo isto — mas não prendem um e outro a fazendo aquilo que lhes parece.

Que dizer mais?

Paz: Mafra.
Outubro: 3

Simples extracto duma carta para o Pires Monteiro: o resto não vale ficar.

«... Agradeço a carta do Ultra Machado[1] que li com prazer. É um espírito m.to curioso, um tanto irrequieto; não sei se virá bem os problemas, mas a confusão do mundo é tal que não admira que os juízos que se formam sejam um tanto ou quanto nebulosos. Por mim, só digo que sinto uma enorme tristeza. Como liberal-idealista, magoam-me os entraves trazidos dos interesses e todas as violências que andam por detrás deles.

«E como agora vamos passar pelos feriados republicanos, recolhâmos-nos um pouco e percorramos os 36 anos de regime a que também faltou o sentimento

---

(1) Fernando Pais Teles de Ultra Machado, oficial demitido e gravemente doente.

do Ideal e se deixou logo arrastar por tanto interesse desencontrado. Quando eu ouvir, no prox.º sabado, um ou outro foguete discreto que lancem na vila para discreta comemoração — tenho a certeza de que o espirito se ressentirá com tristeza.

«Contudo, sursum corda, tanto quanto possivel! Um abraço, etc.»

Paz: Mafra.

Outubro: 5.

Aniversario do regime.

Que tristeza!

Ao meio-dia senti, na vila, uma série de foguetões ou morteiros festivos. Tive a veleidade de imaginar que seriam lançados por ser dia de gala...

Mas não foi por isso que os morteiros estoiráram: foi para anunciar a festa do Sagrado Coração de Jesus que se realisa amanhã.

Afinal — antes assim.

Paz. Mafra.

Outubro: 13.

Escrevi hoje ao Mario Cardoso, de Guimarães que, pela ult.ª Ordem do Exercito, passou á situação de Reserva. As felicitações que lhe mandei apenas visávam o

facto de «se ver livre da engrenagem que lhe tornava o tempo e o não deixava dedicar com atenção e sossêgo aos seus trabalhos jurídicos.» São felicitações um pouco sui generis, mas lá vão.

Paz. Mafra.
Outubro: 15

Ontem houve festança grande na cidade de Evora, em honra da Padroeira.

Muitos bispos, generais, governadores civis, etc. etc. O cardeal Cerejeira fez um discurso que terminou com as seguintes palavras de evocação á Imaculada:

«Vimos também pedir-lhe que guarde a nossa Patria e que ela continue a ser a terra onde a verdade e a justiça reinam.»

Que dizer a esta suplica? E' ou não é o reinado da mentira? A justiça e a verdade... Coitadas delas!

A Igreja descaradamente senta-se na cadeira da situação. E fala alto.

Paz: Mafra.
Outubro: 19

Escrevi ao Camara Reis a seguinte carta que não sei como será aceite:

«.... Esperava o nº. 999 da Seára p.ª calcular a saída do nº. 1000, pois queria saudar V... na devida altura como o mais antigo representante da primitiva direcção e como o constante, tenaz e muito ilustre director actual. Como até agora não chegou a este retiro onde me encontro desde o verão o desejado numero e como receio haja havido qualquer contratempo dos vulgares contratempos da epoca, tenho-me de escrever estas simples linhas desejando, desde já, como dizem estas gentes do Povo p.ª me rodeia, que a sua saude, ao fazer desta, seja a melhor possivel e V... esteja já integrado na sua vida normal.

«Os 25 anos anos de idade da revista representam um enorme esforço e creio que são raras as publicações que atingem tal duração com o mesmo director á sua frente: razão porque eu quéro saudar V... como incansavel e infatigavel guia de tão valiosa tarefa e, ao mesmo tempo, mandar por intermedio de V... a todos os que o auxiliam mais de perto, a afirmação da minha muita simpatia e apreço.

«A Seára ficará marcando, quer queiram quer não, uma fase curiosa no desenvolvimento da cultura em Portugal; o sulco deixado por tal obra creio ter certa

profundidade; e por isso os homens que meteram ombros á empresa e V... em especial que a tem mantido com aprumo, merecem a gratidão dos que não aliénáram ainda a intelijencia que possuem.

«Queiram pois VV... todos aceitarem os meus cumprimentos e homenagens, etc.»

Isto está tudo m.to bem, mas esta gente de Lisboa como olhará p.a tal manifestação provinciana?

Coimbra.

Novembro: 9.

Fui ás ruinas de S.ta Clara-a-Velha de alem da ponte, com o Chaves Almeida.

E' extraordinario o que ali se vê e ainda o que se não vê, encuberto pelo lôdo e pelas aguas! A impressão que se cólhe em visita como esta é das que não se descrevem. Fica-se um tanto ou quanto amadorrado.

A' saída, a luz do sol, coada pelo oiro velho dos platanos, deu nova sensação estranha — tambem indefinivel pelo contraste. E á noite, ainda debaixo da influencia de tão grandes impressões, o aparelho de radio lançou-me aos ouvidos o discurso do Salazar...

Que diferença, oh Deuses imortais! A miseravel politica, a subtil ronha jesuitica do tenebroso chefe, sujando a alta e clara emoção de Arte.

Que vida está... que para um prazer ha sempre ou um desgosto ou uma impressão de nojo!

Coimbra

Novembro: 10.

Trata-se hoje do centenario de Sebastião Teles. O Pires Monteiro lembrou-se de mim p.ª intermediario entre a Revista Militar e o Casimiro de Sousa Teles, sobrinho daquele; como andam de relações cortadas por causa da politica, receava abordagem desagradavel.

Neste sentido recebi em Setembro um oficio da Revista ou seja do Pires Monteiro. Ora eu pensando no caso, observei em carta mandada hoje que me não parecia bem que morando o Teles em Lisboa e sendo a Revista dirigida por um general se escolhesse um cidadão de Coimbra para estabelecer relações com aquele. Expuz melhor ou piór e conforme fui capaz, o meu modo de ver; o Casimiro que é todo de atenções e melindres poderia não gostar e lá ficava o caldo entornado.

Vamos a ver o que responde o Pires Monteiro que ás vezes tem suas creancices já pouco proprias da idade.

Segue, agora, o final da carta que vale deixar registada:

«... E a proposito do centenario: on tem encontrei o dr. Joaquim de Carvalho que me falou e com certo entusiasmo da Introdução ao estudo dos conhecimentos militares; não conhecia o livro e agora com o trabalho que tem debaixo de mão fº. a Historia da Filosofia em Portugal, teve de o ler e estudar. Deu-me a impressão de que o considera notavel e eu lembrei-me de se lhe poder um artigo, duas pagi-nas que fossem, para o fasciculo da Re-vista que celebrasse o centenario. Que lhe parece? Em breve ha uma sessão na Academia em que ele vai falar (centena-rio de Leibnitz) e seria ocasião de o nosso general Teixª Botelho lhe dar a facada se entenderem que o artigo é oportuno. Eu creio que sim: o nome do dr. Carvalho vi-nha honrar a Revista (1) e daria certa nota precisa e de elevação á obra de Sebastião

---

(1) Na Revista não capazes de não gostar desta minª afirmação — que julgo justa.

Teles. Pense, tambem, nisso e diga de sua justiça. »

Quero crer que não aceitarão a ideia do artigo do dr. Joaq.m de Carvalho por ser artigo dum paisano.

Vamos a ver.

Coimbra.

Novembro: 16

O Lourenço Chaves Almeida mandou-me um postal com certas referencias á nossa visita ás ruinas de Santa-Clara-a-Velha. Em resposta comecei a escrever a carta pretenciosa que não acabei e não mandei — mas q. aí fica como padrão de tentativa literaria...

Fica apenas nesta caderno. Não foi p.a o destinatario que a poderia guardar e mostrar: o que era o demonio...

«.... Ao receber o seu postal de 10, já eu deixára escritas algumas palavras no meu caderno de memorias, relativas á nossa visita á igreja de S.ta-Clara.

« Vim de lá não direi amadorrado mas, na verd.e, fundamente impressionado. Ha tantos anos que ali passo! Ha tantos anos que só via o recorte gracioso

do campanario a dominar a mole, sem pensar no que ali estava escondido em lôdo e aguas turvas!

« Quando chegámos á estrada, como vinha com os olhos cheios das pedras trabalhadas que seriam materializações de sonhos de muito artista, senti na luz do entardecer coada pelo ouro velho dos platanos, por debaixo dos quais se via, ao longe, a serra ligeiram.te violácea, a contradição que deve haver nos artistas que na oficina lavram a pedra embebidos no esforço de dar vida á materia inerte e nos que se embebedam com o ar livre, com a Natureza e sentem toda a orquestração das côres e todo o efeito das perspectivas.

« A conversa que mantivémos pela estrada, até ao electrico, não me desviou das impressões colhidas e assim, logo que me sentei no carro, quasi fechei os olhos e sem querer percorri um pouco da m.ª vida... O contacto com a bela obra de arte ali metida no lôdo e sujeita á inundação de aguas barrentas, deu-me bem o simbolo de tanto sonho de artista que se afunda nos lodaçais. E ainda a severid.e e a grandeza da obra isabelina me deu a impressão desagradavel da inanidade de certas concepções e certos projectos.

«Ao menos, cá fóra, na estrada, tive quasi o deslumbramento da largueza colorida das insúas e encostas do rio que vai morrer na serra, ao longe, para os sítios queridos da m.ª infancia e de sempre tenho saudades.

«Enfim, meu caro Lourenço, estes e outros devaneios lancei eu no meu caderno de notas sem qualquer intenção literaria; mas eu vinha...»

Interrompi. A carta ia gotica e pretenciosa e descosida de mais. Acabei por escrever uma carta de prosa correntia e ficou melhor assim.

Contudo o que aí fica tem seus fundamentos. O que é, é que aquilo custa a descrever como o demonio.

Coimbra:
Novemb.º 22

Não sei como o Pires Monteiro leu ou compreendeu a m.ª carta de 10 deste mês a respeito da missão de que me encarregaram junto do general Casimiro Teles. Voltou á carga com a mesma solicitação e de tal maneira que não tive outro remedio senão escrever ao homem uma epistola toda amavel e cheia de circunloquios para

1443

que a minha missão tivesse certa razão de ser. Costa Pires Monteiro teve cada uma!

Pronto. Lá foi a carta.

Coimbra.

Novembro: 29.

Carta para o poeta Augusto Casimiro que me manda dizer que vai organizar, com o Leitão de Barros, um filme sobre Nun'Alvares. Mais outro mestre cinematográfico.

«.... Desculpe-me não acudir logo ao seu S.O.S. condescendiano... A sua carta q. me deu mto. prazer foi recebida em 21 deste mês, altura em q. ouvira a sentença dum oftalmologista condenando-me a uma catarata no olho direito e pronuncios de outra no esquerdo. O meu generalizante pessimismo, como compreende, aumentou, para não dizer que se sublimou.

«Bem. Deixêmos a miseria do barro humano e vamos ao Sudestaval. Por este correio segue a conferencia feita na Univers. Livre em Maio de 1932; e não lhe mando uma comunicação que fiz ao Congresso de Hist.ª Medieval, em 1940, porque a imprensa dos meus Bertrand me quiz roubar no preço das separatas. Esta comunicação vem no volume respectivo das publicações

(no volume II, a pag. 299) com o título de O Sistema de Nunálvares.

«Quanto ao estudo, infelizmente incompleto, do Costa Veiga com o título De Lestremoz a Aljubarrota, vou qualquer dia ao Instituto ver se lhe adquiro os números em q. ele vem.

«Desejo-lhe o melhor exito no filme. Com o Leitão de Barros deve ser coisa bem gosta, mesmo com Guarda Republicana a fazer de Ala dos Namorados... Não se esqueça de ver nas Caronicas o capitulo em que Nunálvares ameaçou D. João I de se passar a Castela quando este lhe recusou certos benefícios nada espirituais. Mas enfim: desejo-lhe exito e que eu ainda o possa ver.

«Meu caro Casimiro: creia que vive uns momentos de alegria com a sua carta. Bem haja! Desejo-lhe a melhor saude e a continuação do seu saudavel optimismo — que eu não poderei ter.

«Um abraço, etc.»

Coimbra.
Dezembro: 3

Hoje novamente fº. o Pires Monteiro e ainda a-propósito do centenario de Gebas-tião Teles.

Vai só um extracto p.ª economisar papel e tempo:

«.... Quanto ao dr. Joaquim de Carvalho é melhor não se gastar mais. Foi uma ideia que teve como outra qualquer — e nada mais. Não espere, porem, que ele, no centenario de Leibnitz se refira á obra do Sebastião Telles; creio que nada tem uma coisa com a outra, embora aquele, apesar da sua teoria das ideias inatas e do rompimento com Descartes e das suas monades cheias de actividade espiritual, se mantenha com certa preoccupação positiva.

«Leibnitz era do sec.º XVII e o positivismo no centenario é do seculo XIX, consequencia de complexa evolução filosofica.

«Eu não sei se estou a dizer asneiras; é possivel que assim seja, pois nestes assuntos, estou como o outro: «Tanto se "me dá como se me deu...» O que quero acentuar é que não será no discurso do centenario leibnitziano que o Sebastião Telles possa vir a aparecer.

«De-mais, direi como m.ª Nata quando se lhe nega com bons modos qualquer coisa: «Está bem! não se fala mais nisso!...» E aqui tem: Um alcaçuz, etc.»

O Pires Monteiro tem ás veres umas ideias que não acodem ao Diabo... Queria ele que eu pedisse ao dr. Joaquim de Carvalho para que, no discurso academico do centenario de Leibnitz, ele metesse referencia elogiosa ao Sebastião Teles.

Creancices, alias bem intencionadas.

Coimbra.

Derembro: 7.

O Joaquim Cardoso, conimbricense, e livreiro em Lxª, proprietº da Livraria Renascença, ao Poço dos Negros salvo erro, e ao mesmo tempo presidente da Casa de Coimbra em Lisboa, lembrou-se de mim para iniciar uma campanha nos jornais a favor da creação, aqui, duma aula de ferro forjado.

A ideia deve partir dalguns serralheiros artistas, como o Albertino Marques, que se quererão colocar como professores. Seja como fôr, eu quero que eles tenham muita saude mas que me deixem em paz e sossêgo. Quem é que hoje cuida em aulas de ferro artistico?

Lá escrevi ao homem, com agradecimentos, mas escusando-me amavelmente: «... eu ando afastado de tudo quanto diga respeito aos interesse de Coim-

bra; vivo isolado, e se apenas saio, uma vez por outra, com uma conferencia publica, essa m.ª atitude nada tem que ver com qualquer movimento de opinião da nossa terra — onde não tenho qualquer jornal amigo e onde nunca fui ouvido, não sou nem já agora serei. »

Etc. etc. La me descartei com a melhor forma. Ali deve haver qualquer interesse particular e não o puro interesse pelas artes do ferro.

Hoje, tambem escrevi ao Saturio Pires uma grande carta a respeito da sua obra acerca dos Caçadores Portuguezes no Exercito de D. Miguel. Este caso interessa-me muito mais que o da aula de ferro forjado. Vai pois a carta na integra:

«.... O meu silencio se não é vergonhoso, não sei o que será. Tenho presente a sua carta de Abril; e, se não são passados os sete seculos do solitario Enrico da Carteia, já lá vão, contados por facil aritmetica, uns bons sete mêses. Mas não foi por mal: eu tenho andado absorvido pelo trabalho sobre o Saldanha, trabalho inglorio, prolixo, massudo, que estou a ver fica incapaz de publicação. Está quasi no fim

e quero termina-lo; é caturrice como outra qualquer.

«Mas vamos ao caso ou, aos casos...

«O primeiro é agradecer-lhe as suas boas palavras quanto aos opusculos q. lhe mandei; o seu louvôr é demasiado, e eles apenas são fruto de 40 anos de leituras e de alguma reflexão cuidadosa na velhice sobre o panorama historico sem odio nem afeição (como se diz nos tribunais) e com a boa vontada, ao menos, se não resolvo os problemas, de os apresentar o melhor possivel. E pouco mais valerão os meus mais do que modestos opusculos.

«Outro caso é o de certas duvidas levantadas enquanto ia escrevendo os capitulos do ensaio saldanhista relativos ás lutas liberais perante passos do seu livro Os Caçadores Portuguezes — que eu considero, sem favor, livro fundamental nestes assuntos. Essas duvidas vão em folha aparte p.ª não perturbar o ritmo epistolar e manter a boa ordem requerida ou exigida pelas estilisticas... O Saturio Pires lá verá isso com sossêgo.

«Ainda o outro caso é o dos seus considerandos acerca do sec.º XIX. Eu serei suspeito porque sou velho liberal nado e creado á sombra da «arvore da Liberda-

de » que floresceu com os homens da Terceira, que deu sombra (ai de mim!) ás sáias da pobre Elvira e que alargou as ramadas em 48... Mas penso tambem que o seculo foi, como Vossê diz, um dos maiores da Humanidade e que só por estreita visão politica se poderá apoucar. Gostei, pois, de ver escrita a sua opinião que prova o Saturio não ter a cabeça ~~x~~ só para pôr o chapeu. E ainda, meu caro, é um consôlo saber que ha quem pense por si.

« Ora pois. Finalisêmos. A melhor saude, etc. »

Segue-se a folha apensa com as minhas duvidas. Vão separadas em paragrafos.

« § 1º.) No vol. II, pag. 84-85, na indicação das colunas constitucionais no ataque de 10 de Outubro de 33 contra as linhas realistas, diz que a do centro tinha por objectivo a zona ocupada por Bourmont com a Guarda Real da Policia. Ora eu, pelo que averiguei nos elementos de que dispuz, escrevi o seguinte: «... a do centro tinha por objec-"tivo o lugar das Telheiras e naturalmente a "possibilidade de ir até ao Lumiar.» E como era comand.ª directamente por Saldanha, deveria ser a de mais forte impulsão. Ora

Bourmont estava, se me não enganei, a leste do Campo Grande e na zona destinada ao ataque da coluna de Terceira que deveria ter-se fraccionado em dois ataques: um sensivelmente pelo Arieiro, outro pelo vale de Chelas, ambos com o objectivo Portela-Charneca. Onde se fundamentou Vossê p.ª aquela afirmação? Talvez documento que eu não visse e me viesse esclarecer.

«§2º) Acção de Loures. Quasi no fim do prélio ha um avanço contra o planalto onde a Infantaria de Saldanha forma quadrado. S.t-Pardoux (cap. IV, pag. 72, ed.ão de 1836) diz q. foram 4 batalhões; Vossê (pag. 100) diz que foram 4 regimentos. Em que se fundou? E era só um quadrado?

«§3º) Combate de Pernes. A carta do Adriano Beça conta o caso do quadrado de Infant.e n.º 17: um só quadrado. Saldanha, porem, refere-se a «dois quadrados» na participação oficial (Soriano: v. VII, pag. 642); e Velez Barreiros assim o dá a entender embora confusamente (Os Papeis de meu Pai, v. I, pag. 254). Vossê viu algum docum.to seguro? Quer-me parecer que as outras forças, alem das do 17, que se não deixaram dominar pelo terror, formariam outro quadrado. Que lhe parece?

«§4º) A proposito do misterio a que se refere na pag. 171, relativo á posição do brigadei-

no Retrocho, em Alenoster, não estará esclarecido pelo que conta o autor anonimo da Noticia de alguns succesos publicada pelo nosso Ferreira Lima no vol. XI do seu Boletim, nas pag.ª 25-26? »

Coimbra:

Dezembro: 15.

Hoje segunda reunião do comissão do centenario de António Augusto Gonçalves. Segue a acta da sessão:

«Aos quinze dias do mês de Dezembro de 1946, numa das salas do Museu de Machado de Castro, reuniu-se a comissão que pretende celebrar o proximo centen.º do nascim.to de António Aug.º Gonçalves conforme ficou definido na acta da sessão anterior realizada em Junho p.p. Estiveram presentes todos os vogais. Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior. O sr. dr. Costa Rodrigues comunicou que o dr. Joaquim de Madureira se pronunciou para colaborar no centen.º e foi lembrado que se lhe poderia solicitar uma conferencia acerca do ambiente coimbrão no fim do seculo XIX. A seguir B.P. lembrou as dificuldades que poderiam surgir para a efectivação dos nossos propositos perante as actuais autoridades pois será conveniente

não esquecer que o nome de Ant.º Augusto Gonçalves não era estimado pela actual situação política e é possivel que a sua memória ainda sofra essa influencia. Julga pois que as nossas intenções deverão ter sempre em vista essa circunstancia. Depois, o mesmo expôz um caso que julga de importancia e poderá ter qualquer influencia no plano estabelecido: o sr. António Gomes da Rocha Madail procurou-o para lhe dizer que pensava no prox.º dia 19, aniversario do nascim.to de A. A. Gonçalves fazer reunir na Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra o maior numero de socios a quem lembrasse que daqui a dois anos passava o centenario do nascimento do mesmo ilustre Mestre e que seria interessante fazer uma exposição bibliografica e das obras que se podessem conseguir reunir quer em pintura, desenhos ou escultura quer ceramica de maria especie; e assim solicitaria aos socios presentes indicações sobre a existencia dessas obras já se ir fazendo um inventario que facilitasse essa exposição. Mais disse o sr. Madail que andava a trabalhar num ensaio sobre o Mestre para o que tinha elementos fundamentais colhidos no seu espolio, principalmente desenhos, cartas de quasi todos os individuos que em Portugal

se dedicaram a assuntos de Arte desde Possidonio da Silva, recortes de jornais com artigos, apontamentos, etc. etc. Mas, depois de conversa casual com o sr. Lourenço Chaves Almeida pela qual soubera dos nossos propositos, declarava que desistia dos seus intentos e se limitaria ao ensaio que já tinha bastante adeantado. Perante estas afirmações entendeu B.P. que lhe deveria dizer que, embora como opinião pessoal, lhe parecia que a boa vontade do sr. Madaíl vinha ao encontro dos nossos esforços no sentido duma comemoração digna; mas encontrou naquele sr. uma recusa constante que não compreendeu bem depois da exposição ouvida e das provas de admiração que dera na conversa pelo valor do Mestre. Expunha, pois, aos presentes este assunto p.ª a devida consideração, lembrando-se de que, talvez interessando o presidente da Socied.ᵉ de Defesa e Propaganda de Coimbra, o dr. Alfredo Fernandes Martins, poderia conseguir-se a adesão da instituição, aliás já mencionada no nosso programa, mas especialm.ᵗᵉ do sr. Rocha Madaíl que se poderia encarregar da exposição projectada, dadas as relativas facilidades que já possuia. O assunto foi considerado e discutido e concordou-se com a

deligencia junto do dr. Fernandes Martins mas, como propoz o sr. dr. Antonio da Costa Rodrigues apenas como esclarecimento ou explicação p.ª não afastar a Socied.º de Defesa e Propaganda, sem contudo esta comissão deixar de manter a supremacia da iniciativa e não deixar de ser tambem a comissão dirigente de toda a comemoração centenaria. — B.P. falou ainda na vantagem de conseguir a adesão do director do Arquivo Coimbrão que seria a revista propria para arquivar conferencias e qualquer documentação que se achasse digna de ser conservada; ficou encarregado o sr. dr. Costa Rodrigues de sondar o dr. Pinto Loureiro e ainda B.P. lembrou que seria conveniente obter a adesão da Casa de Coimb.ª em Lisboa e disse que em breve, em Lisboa, teria de falar com o seu actual director e se propunha tratar do assunto. O sr. Alvaro de Lemos lembrou o nome do conimbricense Adolfo de Freitas, empregado no Porto, grande admirador de Antonio A. Gonçalves que poderia ser colaborador eventual naquela cidade. Resolveu-se p.ª evitar quaisquer mal entendidos dar conhecimento á Imprensa do que se deseja fazer e não havendo mais nada que tratar encerrou-se a sessão, marcando-se a

proxima para o dia 19 de Janeiro de 1947. E desta sessão se lavrou a presente acta q. eu, B. P. escrevi, etc. »

Vamos a ver o que se consegue.

O caso Madail, porem, é que poderá dar sensaboria. O cavalheiro detestava o velho Gonçalves porque este lhe não dava a importancia que julgava merecer. Em algumas que surgiram contra o Mestre, percebeu-se o seu dedo venenoso escondido, como aconteceu, por ex.º, com o dr. Antonio de Vasconcelos. O Madail é, com aparencia serena e afectuosa, um poço de vaidade e de veneno; como é pessoa bem educada e consegue dominar a maldade natural, apresenta-se ~~[illegible]~~ com maneiras que inspiram certa simpatia e engânam facilmente até aqueles que têem experiencia da vida e desconfiança do proximo.

Assim tem conseguido manter-se em tudo e tornar-se indispensavel em muita coisa; em Coimbra pertence a quasi todas as sociedades e faz parte de quasi todas as iniciativas — mas sem aparecer verdadeiram.te ás claras, sempre a manobrar na sombra com certa inteligencia.

Ha quem se queixe dele e aponte varias tratantadas ou, até, para ser mais

claro, varias e grossas fajardices que revelam falta de caracter ou mesmo mau caracter. Mas a verdade é que as suas maneiras, a sua acção em certas reuniões, o seu trabalho como investigador, as relações que consegue, devido á sua situação oficial, com personalidades mais conhecidas, e em especial com as que se dedicam a estudos historicos, dão-lhe a aura suficiente para o manter em nivel um tanto ou quanto elevado que obscurece os rumores desagradaveis que correm a seu respeito — os quais, muitas vêres são levados á conta de invejas e malquerenças.

E assim, este cavalheiro consegue ter fama reputação que o tem levado a quasi tudo em Coimbra; mas como é cauteloso, tem o cuidado de se não evidenciar, possivelmente para evitar discussões sobre a sua pessoa que poderiam acarretar qualquer desagradavel.

Ao falar-se do Madaíl é vulgarissimo ouvir um oh!... acompanhado de gesto duvidoso, como de quem diz: «oh que maroto!...» Mas tambem é verd.e que á sua volta se mantem algum receio pelo seu caracter e quasi todos preferem viver bem com ele a terem-no por inimigo. Sai só de duas pessoas que cortaram com ele

de mez: o Tomás da Fonseca ha muito reu-
so e recentemente o P.e Nogueira Gonçalves
— e tudo pela grande vaidade beliscada a
que os dois não ligáram importancia

A conversa que teve comigo que ficou
referida na acta acima, mostrou bem o que
no seu espirito se passou a respeito do cen-
tenario. Eu creio que li ás claras nas suas
palavras; ele com certeza não me julgou
de esperteza ou finura tão capaz de entrar
pelo seu intimo e seu querer abriu-se
imprudentemente um bocado — o suficien-
te para eu entrar com relativa facilidade.

Seria ou não seria assim. Mas eu que
no crer que o Madail soube por qualquer
via dos nossos intentos e não gostou da ex-
clusão do seu nome p.a a comissão, o que
o beliscaria, como naturalmente o belis-
cou no caso da homenagem do Instituto
em Março deste ano que o levou a nomi-
nar habilmente o Fernandes Martins co
seu presid.te da Societ.e de Defesa e Propagan
da e o Octaviano de Sá como detentor das
chaves da Escola Livre das Artes do Desenho.
A sua vaidade não admitiria que se pas-
sasse em cem centenario que decorreria
certo ruido de comemorações sem ele estar
presente; e como se comunicou, afinal, de
que Mestre Gonçalves era na verdade gran-

de personalid.e na história das Artes em Portugal, concebeu um plano que começou a executar indo a casa da irmã, D. Liberia Gonçalves, solicitando autorização para ver o espólio do Mestre com o fim de colher elementos para uma grande homenagem que se lhe ia prestar. Esta Senhora, com 80 e tal anos, empobrecida pelas doenças, com começos de senilidade, mas sempre fiel á memoria do Irmão, autorizou.

O Madail desceu a uns lojões nos baixos do predio em que o Mestre viveu e morreu, lojões a que lá chamam familiarmente o «pocavão» e encontrou-se como um rato dentro duma queijo: e levou tudo o que quis! Todos os desenhos, todos os projectos de varias especies, cartas preciosas ás centenas, recortes de jornais com artigos, mais ou menos dispostos para uma edição de dispersos que meu Tio Albino da Silva projectou em Tempos, documentos de todas as qualidades, inclusive alguns manuscritos que parece lhe deram certa alegria...

Enfim, um espolio precioso onde encontrou de tudo: desde esboços postos de lado em bocados de papel, até a discussões sobre problemas de Arte com os melhores vultos do seu Tempo. Só não apanhou algumas cartas de Ramalho Ortigão porque

o João Gaspar Simões se apropriou delas a seguir á morte do Mestre. E agora, como bem se calcula, jogando com estes elementos que ele ocultá cuidadosamente vem sobre a nossa comissão uma enorme superioridade; e como ele trabalha bem, quero crer que o ensaio que se propõe publicar será obra curiosa e de valor

Quando eu lhe disse que ele poderia ser um auxiliar da comissão, recusou-se com vaidosa veemencia que, contra o seu habito cauteloso, descubriu-se; e ao dizer-lhe que não compreendia que, querendo colaborar a memoria do Ant.º Aug.to Gonçalves por sua iniciativa, se recusasse a colaborar com amigos que anteriormente pensávam no mesmo e, por consequencia com direito de primazia, ele, percebendo a imprudencia da rapida recusa que se não explicava m.to bem, manteve a recusa com modos atrapalhados e algum tanto nervosos mas alegando que o caso estava em boas mãos e fazendo amaveis referencias aos componentes da comissão.

Eu insisti, e ~~comprometi~~ falei-lhe dos companheiros, das boas vontades, da confiança no exito. E aqui descubri que o P.e Nogueira Gonçalves estava de permeio e inocentemente (se não foi melhormente...)

saiu-me a dizer que a comemoração estava em tão boas mãos que até estava sob os auspícios da Igreja...

Tornei a iniciativa de me rir e disse-lhe que a Igreja nada tinha que ver com a memória do Mestre Gonçalves de mais a mais aliás; se ele se recusava tão obstinadamente a colaborar, os motivos seriam outros mas nunca a ingerência na comissão do Padre que era, aliás, figura de fraco predomínio. O Madaíl, seu olhar para mim, esfraiando o olhar pelas lombadas dos livros, deixou escapar várias frases cáusticas relativas à maldade do P.e Nogueira Gonçalves, ao seu espírito rancoroso, ao caracter vingativo, etc. etc. — qualidades reais que advinham de várias causas como sejam:

a) De não ser ele mas sim o Padre o encarregado de coligir, anotar e prefaciar as obras do Vergílio Correia que não ser publicadas em 6 volumes pela Universidade, trabalho a que ele, Madaíl, se propunha.

b) O caso da Direcção do Museu de Machado de Castro a que o Madaíl se propôs por morte do Vergílio e em que encontrou o Padre pela frente. Neste caso há a agravante de o Madaíl favorecer a candidatura do Reis Santos para o cargo porque, co

mo este mau grama (passe o termo) o Padre Nogueira, implicitamente a sua vinda daria como resultado a saída deste o que aleiria o caminho ao Madaíl para realizar parte ou, quem sabe, toda a sua aspiração.

Ela pouco, a conferencia que o Reis Santos fez em Coimbra sobre Gomes Vasco foi promovida pelo Madaíl segundo me confessou, não ha muito, o Fernandes Martins, para uma especie de apresentação ao publico conimbricense do futuro director do Museu. Tudo coisas mais ou menos faceiras que em parte se vão desvendando com mais ou menos facilidade.

Pareceu-me, pois, que da conversa supra referida se concluí muita coisa; e na verd.e, do final dela não me pareceu provada a inferiorid.e do P.e Nogueira Gonçalves que, dipa-se a verd.e pouco conheço mas do qual, aliás, pela primeira vêz, ouvi mal.

Enfim, o caso está mais ou menos claro: o ilustre Madaíl não conseguiu ser o empresario da comemoração centenaria e daí o seu mau humôr e a recusa de colaboração que ele quiz encobrir com as maldades e rancores do P.e Nogueira. E' possivel que esta atitude nos traga um ou outro dissabôr pois o homem não é bom amigo e é muito mau inimigo.

Neste último aspecto creio até que é perigoso.

Ora pois. Vamos a ver se o Fernandes Martins é capaz de o demover e o levar a bom caminho.

Coimbra.
Dezembro: 18.

Falei hoje com o advogado Fernandes Martins. Expus-lhe com lealdade o caso do Madaíl; é claro que a lealdade com que lhe falei não ia ao ponto de confessar a impressão que tenho do homem; pelo contrário, mostrei por ele a melhor simpatia e o desejo de colaboração.

O Fernandes Martins ouviu atentam.te e terminou por dizer com sorriso amavel:

— Deixe-o V.Ex.ª comigo... Eu vou ver isso...

Toda intervenção tem, evidentemente, seus perigos — pois não desejámos nem um nem outro metidos na comissão ou com qualquer espécie de influencia.

Vamos a ver.

Lisboa
Dezembro: 22.

Eu Lisboa, novamente. De cada vêz encontro a capital com aspecto mais des-

moralizado e mais malcreado. As mulheres dão a impressão de que 95% são de vida facil, parece que se oferecem sem relenço. Os homens teem o ar de quem não quer perder tempo, que cada minuto vale dinheiro e de que... primeiro nós. Os rapazes são malcreados e as raparigas novas, essas, nem falar.

Enfim, já nada tenho com tudo isto; só verifico a diferença que, para homem do sec.º XIX, vai sendo cada vez pior.

— 1947 —

Lisboa:

Janeiro: 1

Mais outro...

Dia frasco com sol ausente. Símbolo das contradições do tempo em que vivêmos.

Lisboa.

Janeiro: 3

Fui ao Arquivo Histórico Militar ver o Ferreira Lima. É' uma das m.as devoções quando estou na capital.

Ao mesmo tempo, consultei os verbetes relativos á Revolta dos Marechais. Pareceu-me que haviá pouca coisa que désse interesse ao meu efémero Saldanha.

Depois, fui á consulta ao dr. Anastácio Gonçalves que confirmou o diagnostico da catarata feito pelo dr. Fernando Pinheiro em Coimbra. Catarata incipiente escreveu ele na papeleta do arquivo do consultorio; incipiente, mas nos dois olhos e maior no esquerdo. Diz que não lhe parece ter caracter

evolutivo... Penso, porem, que se não tem caracter evolutivo, como é que evolucionou até ao estado actual?

Enfim, adeante.

Lisboa

Janeiro: 4.

Procurei hoje o Pires Monteiro na Revista Militar não só para um pouco de conversa como para lhe agradecer a visita que me fez ha dias. Não me lembrei, porem, que hoje é sabado e que, em holocausto á velha aliança luso-britanica, se pratica o tim-de-semana — com evidente esquecimento dos jurados nacionalistas...

Seja tudo para desconto de pecados.

Lisboa

Janeiro: 5

Grande temporal. Chuva e vento. Nas ruas torrentes de agua. Os cedros do jardim «do Salazar» vergam mais do que ele — e não ha temporal capaz de derrubar...

Fiquei em casa lendo Kipling e a Arte de ser avô de Victor Hugo. Passatempo inocente, enquanto os pingos de agua num proximo telhado de zinco não causando enervamento.

Lisboa

Janeiro: 6

Dia dos senhores reis que os meninos gostam de celebrar discretamente debaixo de formulas religiosas para esquecer as saudades do velho regime hereditário.

Lisboa

Janeiro: 9

Fui hoje visitar o Pires Monteiro q. está doente. Contou-me ele que os comandos ou, pelo menos, os principais comandos da guarnição de Lisboa foram ha dias junto do gen.al Fernando Pereira Coutinho, governador militar, solicitar a sua aquiescencia para a nomeação de chefe da casa m.ar do Presidente, dada não só o máu estado de saude do general Carmona como o não menos máu estado físico do Anibal Mota. E juntamente com a solicitação, ia a insinuação de ser, proximam.te, eleito para a presidencia...

O Pereira Coutinho respondeu que como miguelista que era e sempre foi, não podia ser presidente duma Republica... E com isto despediu amavelmente os solicitantes e tudo continuou, na mesma, como antes.

Dizem para aí que o Carmona está m.to doente e que esta solicitação corresponde á sua vontade p.a com o Salazar dos quais o Pereira Coutinho parece não ser m.to adepto ou simpatizante. É assim, a ser verdadeira esta deligencia vê-se que se queria opôr aqueles dois homens hoje cordealmente abarrecidos pelo exercito uma creatura que, segundo dizem, consegue falar-lhes claro.

Será assim?

Neotes contos ha sempre alguma fantasia e nunca se consegue saber com exactidão o que se passa. Eu, porem, ponho as minhas duvidas em toda esta historieta.

Lisboa.

Janeiro: 10.

Fui falar ao Joaquim Cardoso, livreiro-editor da rua dos Poiais de S. Bento, creatura que eu não conhecia e com quem ha pouco tempo tive correspondencia. Pareceu-me homem de vontade firme, desembaraçado, com certa energia; mas não sei bem porquê, não gostei dele. É o presidente da Casa de Coimbra em Lx.a e procura fazer alguma coisa; mas creio que não consegue em parte não tem categoria p.a se impôr no ambiente lisboeta em parte não tem qualidades

de orientação para empresas desta natureza.

Quando lhe falei no centenario de Antonio Aug.to Gonçalves, razão da m.a visita, logo aprovou, disse que a Casa de Coimbra estava ás ordens — mas não mostrou grande entusiasmo nem mesmo interesse correspondente ao que julgava encontrar.

Fiquei, verdadeiramente sem saber o que pensar a respeito dele.

Lisboa.

Janeiro: 14.

Esteve hoje aí o Henrique de Carvalho Dias, major reformado de Artelh.a, que, entre outras coisas de menor interesse, contou o seguinte caso curioso e... instrutivo.

Ha anos, quando ele ainda tinha uma agencia-escritorio de compra e venda de predios, vendeu aos Franciscanos, representado pelo seu provincial (actualmente o bispo de Nampula) um palacio na Luz creio que proprie.do do May de Oliveira se me não engano. O contracto dizia que os 1:300 contos do preço seriam pagos em prestações: tres de 300 contos e uma, final, de 400, com intervalos de 3 meses.

Ora paga a prim.a prestação, o provincial, passado mês e meio, escreveu-lhe

uma carta, a ele Carv.º Dias, na qual dizia que desejava pagar o resto, duma vez só ou pelos os mil contos que faltavam porque, dizia, «o Banco da Divina Providencia facilitara o pagamento imediato...»

O Banco da Divina Providencia!

Eu perguntei ao Carvalho Dias onde era a séde desse Banco. Ele riu-se e disse q. não sabia...

Coimbra

Janeiro: 19.

Novamente em casa... E assim vou andando aos baldões.

Fez-se hoje a 3ª. reunião da comissão do centenario de Ant.º Alex.ro Gonçalves.

O caso do Madaíl muito referido atraz, continua a provocar preocupações. O Homem está remitente e vai confessando q. o escôlho é o P.e Nogueira Gonçalves. Hoje confessou-se ao Alvaro Viana de Lemos.

Que diabo se ha-de fazer ao sujeito? Teremos que passar sem ele e, confesso eu, isso só me dá satisfação. Ele é imperbinente e poderia estragar a nossa boa harmonia e os nossos bons intentos. E creio até que já começaria a perturba-los.

Quer-me parecer que se esboça já certa cisão de opiniões pois o Laurenço Cha-

res Almeida prefére o Madaíl ao Padre Nogueira Gonçalves; este é muito duro para com o Madaíl; o Costa Rodrigues torce o nariz porque não quere ouvir falar na intervenção do Fernandes Martins advogado; o dr. Gumersindo segue o sistema do Pai, isto é: nem para um lado nem para o outro, antes pelo contrario, não toma atitudes. O Alvaro de Lemos e o João Machado são conciliadores e vêem muito mal o problema.

O Diabo!... Isto vai a ver que o caso se torna difícil.

Ora a acta será isto pouco mais ou menos:

«Acta nº. 3. Aos 19 dias do mês de Janeiro do ano de 1947, pelas 15 h. numa das salas da direcção do Museu de Machado de Castro, reuniram-se os vogais da comissão: Alvaro Viana de Lemos, Belisário Pimenta, dr. Gumersindo da Costa Lobo, João Machado Junior e Lourenço Chaves Almeida. Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior. B.P. disse que em virtude do que se resolveu na ultima sessão acerca da intervenção do sr. Rocha Madaíl nas comemorações do centenario, procurára o sr. dr. Alfredo Fernandes Martins

antes de se ausentar p.ª Lisboa e exporera com toda a franqueza o assunto; este Snr. prometera toda a sua boa vontade para demover aquele da sua recusa. O Sr. Alvaro Viana de Lemos ~~[illegible]~~ informou de que essa deligencia parece não deu resultado pois já tambem falára no mesmo assunto com o sr. Rocha Madaíl e via-o irredutivel. Este caso foi discutido e resolveu-se esperar a resposta definitiva do dr. Fernandes Martins para se tomar orientação conveniente e ainda para evitar qualquer mal entend.º no publico pedir reunião da Imprensa para lhe dar conhecimento do que esta comissão pretende fazer, ficando encarregado disso o vogal B. B. — Este vogal explicou que em Lisboa procurára o presidente da Casa de Coimbra o Livreiro Joaquim Cardoso a quem expoz o programa do centenario; este Snr. aprovou e prometeu interessar os seus colegas da direcção no nosso empreendimento. — Passando-se á generalid.e concordou-se em que seria muito conveniente começar-se a fazer o programa das conferencias; e lembrou-se que a relativa á obra em pedra em que foi maior figura João Machado, Pai, deveria ser feita por João Machado, Filho que possuí elementos seguros para a fazer; assim como a ~~[illegible]~~ relativa á obra em

ferro poderia m.to bem ser entregue a Lourenço Chaves Almeida. Tambem se achou conveniente procurar assegurar o concurso da Emissora Nacional para o que se poderiam solicitar os bons oficios do seu actual sub-director Pedro de Moura e Sá, conimbricense, e filho dum grande amigo do Mestre Gonçalves. E não havendo mais nada para tratar, encerrou-se a sessão, etc.»

Coimbra.

Janeiro: 23.

A proposito do Madaíl e para ver a sua sinceridade nesta questão do centenário do Gonçalves, lembro-me de que, quando saiu o fasciculo da Grande Enciclopedia Luso-Brasileira que trazia o meu artigo sobre Antonio Aug.º Gonçalves, aí por Maio de 1945, encontrei-o, uma tarde, no Patio da Universid.e a falar com o dr. Gumersindo Costa Lobo. Disse-me ele que lera o artigo e á minha pregunta acerca de como achara o trabalho, ele teve um gesto vago e disse com certa velhacaria:

— Achei bem... É artigo de amigo...

E debicou no valor do Mestre, como organizador de museus, ignorante de museologia como era... Eu senti-me picado e tive de responder-lhe que o maior

valor de Gonçalves estaria em organizar os numerosos anões de haver essa tal ciencia com que agora se enchia a boca e que o seu trabalho, afinal, fôra antecipado e quasi profectico. Etc. etc. Tive que fazer quasi um discurso de defesa que os dois ouviram mudos: o Madail embaraçou; o Costa Lobo não quiz pronunciar-se embora, dias depois, me felicitasse pela justiça das minhas palavras... Mas felicitações em particular, é claro.

Lembro-me, também, que o Madail certo dia, ha tempo, me contou que coleccionára uma larga serie de anedotas parvas e depreciativas atribuídas a Ant.º Aug.to Gonçalves; e confessou-me que as colhera por intermédio do celebre António Viana... Perante a minha expressão de desagrado pela revelação, veiu desculpar-se:

— Ah! mas creia que as não coleccionei com má intenção...

E fiquei com a impressão de que se teria arrependido da franqueza que teve — pois de certo comprehendeu que eu não acreditaria na desculpa. E a verd.e é que a colecção foi reunida, em tempos, como material que lhe poderia ser necessario para um dia se atirar a qualquer polémica ou fornecer a qualquer outro que quizesse sujar o Mestre.

E é o Madaíl que agora vem proclamar o valor de Antº Aug.to Gonçalves como se nim guem até aqui désse por isso! E' ele que agora quer ser o empresario da glorificação!

Uma reviravolta completa.

Coimbra.

Fevereiro: 3

Hoje apareceu-me aí o Pe Nogueira Gonçalves. Ainda o caso do Madaíl!

O Padre parece saber que o ilustre Madaíl, desde logo se recusa a colaborar no centenario do velho Gonçalves e anda a induzir o dr. Fernandes Martins a tomar a iniciativa de celebrar á parte o mesmo centenario, fundado nos elementos de que dispõe e que são muitos.

O Pe Nogueira é insistente e parece q. tem razão. O Madaíl, parece, é peça muito fina e com espirito finamente velhaco.

Agora anda a embirrar o Lourenço Chaves Almeida com o augôdo da homenagem ao seu Mestre e amigo e com lourarminhas aos seus merecimentos, etc. etc. profrias para amolecer resistencias.

Vamos a ver como se verá de navegar em aguas tão pouco limpas.

Terei eu de me arrepender?

Coimbra.
Fevereiro: 6.

Extracto de carta para o Ferreira Lima: mais uma leviandade do Pires Monteiro, feita, aliás, com a melhor das intenções:

«. . . . O primeiro assunto será o centenário do Sebastião Teles, o qual nos fomos convidados a promover uma «exposição.» Assim reza o ofício de 28 de Janeiro que recebi ainda na cama com febre e muita dor. Ora de que «exposição» se trata?

«O ofício da Revista não explica e diz apenas: «exposição de comemorações» e eu fico-me na dúvida se será só bibliográfica ou também iconográfica ou ainda se se estenderá a mss., cartas, etc. O que sabe o nosso Amº a esse respeito? Não sei se será muito viável outra coisa que não seja exposição bibliográfica; e mesmo assim será pequena porque o Sebastião Teles publicou muito pouco.

«Espero a sua opinião. . . etc.»

Coimbra.
Fevereiro: 14.

Encontrei o dr. Alfredo Fernandes Martins que, acerca do caso do Madail me disse que o procurara e o ouvira atentamen-

te nos termos da nossa conversa de 18 de dezembro último. Para encurtar razões, resumia:

— Olhe, sr. Cor.el: o Madail é natural que deixe a intransigencia depois duma conversa com V.. Tudo depende da maneira como a conversa correr...

Foto é um pouco sibilino se não tem qualquer intenção de me lisongear.

A ver vamos.

Coimbra.
Fever.º : 15.

Hoje, em casa do Eduardo da Cunha Oliveira, onde passei parte da tarde, soube do auxilio que muitas vezes o dr. Alberto da Rocha Saraiva deu ao Salazar principalmente em questões de Direito Internacional.

O maior de todos foi o da cedencia dos Açores em 1942. O Salazar pediu a comparencia do Rocha Saraiva, uns dias antes da celebre nota oficiosa mas na altura em que já os Ingleses e Americanos estavam a desembarcar na Terceira sem a devida autorização. O grande homem estava amachucado e aterrorizado: não sabia como resolver o problema perante a pressão dos aliados e o medo e, ná lá! a

simpatia pelos aliados. Queria achar a formula juridica e não achara...

Pobres grandes homens!

O dr. Rocha Saraiva teve a noção do perigo para o País e resolveu aceitar a incumbencia. Meteu-se em casa e durante essa noite e o dia imediato estudou o caso e fez a minuta que o Salazar deu como sua. Estava achada a formula!...

Os aliados já andavam em trabalhos nas Ilhas; mas o grande homem não sabia o que fazer.

Na familia do Rocha Saraiva (que é primo co-irmão do Cunha Oliveira) guarda-se a carta em que o Salazar pede insistentemente a comparencia daquele como um grande serviço para a Nação.

O que ha nos bastidores de toda esta politica que se não sabe e se não ficará sabendo!

Coimbra

Fevereiro: 17.

Estive hoje aí, á conversa, o professor Aplinario José Leal, velho amigo, que me contou que ha pouco, na Baixa, ouvira o tenente F.... de Artilharia a falar com o Soares, da Policia, e a censurar livremente uma circular confidencial que

viéra para os regimentos, mandando no meio, por escolha, é claro, um oficial para informador da fidelidade á situação actual dos outros camaradas.

O dr. Apolinario Leal ficou espantado com a conversa mas eu não fiquei. É assim mesmo.

Coimbra

Março: 1.

Lembrou-me deixar aqui consignado que a carta que em 19 de Outubro do ano passado escrevi ao Luis da Camara Reis não teve resposta.

Perder-se-ia? Não sei. O que é certo é que não teve resposta.

Coimbra.

Março: 15.

O Lourenço Chaves Almeida continua a ser imperio apesar dos 70 anos bem pesados. O P.e Nogueira Gonçalves escreveu-lhe p.a evitar que o Madaíl fosse espiolhar o espolio da Escola Livre das Artes do Desenho que está no Museu Machado de Castro, pois não só esse espolio não é pertença do Museu como iria dar a este ocasião de se introduzir nele e poder exorbitar das concessões solicitadas.

Este P.e Nogueira parece-me que não foge á regra da classe: possue a chamada rai-va canonica e não é creatura para perdoar. Não sei se ele terá razão mas não vejo bem os perigos do Madaíl ir ver o mobiliario e modelos que pertenceram á Escola. Começo a ver no Padre uma insistencia que me parece ir alem do que deveria ir.

Mas, assim como faço estas observações a respeito da atitude do Padre, não deixo de dizer que não gostei do procedimento do Lourenço que foi mostrar a carta ao Madaíl e lhe facultou logo toda a documentação da Escola.

Esta ultima parte, adeante. Mas o conhecimento da carta do Padre...

Ouvem, no Porim, onde passei a tarde é que tive conhecimento do caso — e reprovei-o. O Lourenço encolheu os ombros.

Não gostei.

Neste mundo é tão dificil os homens entenderem-se!

Coimbra.

Março: 23.

Pernoitei a insistencia do António Sardinha, editor e creio que proprietario da revista O Trifeiro, lá mandei original e, desta vez, com abundancia. Mandei a primeira duma serie de Notulas Militares, relati-

va á influencia do Saldanha no cerco do Porto; mandei uma noticia respeitante ao dr. Nunes da Ponte como medico em Miranda do Corvo; mandei tambem um extracto dum velho caderno com varios considerandos feitos na ocasião da morte do Fernando Maia, meu professor na Escola do Exercito; e ainda uma carta inedita de Pinho Leal para o editor Matos Moreira.

E assim, com desculpas e amabilidades, creio que tapo, por algum tempo, a boca aos homens de O Tripeiro.

Hoje, nova reunião da comissão do centenario de Antonio Augusto Gonçalves. E' a quarta sessão. E aqui vai a acta:

« Aos 23 de Março de 1947, pelas dezaseis horas, numa das salas da direcção do Museu Mach.º de Castro reuniram-se os vogais: Alvaro Viana de Lemos, Antonio Nogueira Gonçalves, Belisario Pimenta e Lourenço Chaves Almeida. Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior. — B. P. voltou a falar do caso da intervenção do sr. Rocha Madaíl e expoz que o sr. dr. Fernandes Martins lhe dissera que tratando com aquele sr. do assunto, conforme lhe fôra solicitado, o vira menos irredutivel e fi-

cara conhecido de que cederia depois de conversar com ele, Pimenta; ponderado o assunto foi resolvido que o vogal Pimenta tentasse a deligencia e procurasse tirar de entendimento. — Pelo mesmo vogal foi comunicado que a Casa de Coimbra em Lisboa estava disposta a auxiliar a comemoração conforme carta que ha pouco recebeu do seu presidente. — Entrando-se em assuntos de generalidade, foi lembrada a necessidade de se começar a conferir conferencias e resolvido estudar a possibilidade: 1º) do apoio, exteriorisado por qualquer forma, da Academia das Belas Artes, da Societ.ª Nacional das Belas Artes e da Academia de Ciencias de Lisboa; — 2º) dum subsidio do Instituto p.ª a Alta-Cultura; — 3º) de um numero extraordin.º da revista Arte e Archeologia; — 4º) e dum numero especial da Seara Nova. Foram lembrados varios nomes e ainda a possibilid.e da realização dum auditorio volto da Camara Municipal de Coimbra p.ª que se mandasse fazer o busto de Ant.º Augusto Gonçalves e fosse colocado na sala das sessões. — E não havendo mais nada p.ª tratar... até.»

Tudo isso que aí fica é muito bonito. Projectos sedutores. Mas...

Conseguirêmos alguma coisa? Começo a ter grandes duvidas.

Enfim... Vamos a ver.

Coimbra.

Abril: 3.

Escrevi ao Alberto Vieira Braga, de Guimarães. A carta fica copiada porq. deixa desabafos e certos elementos biograficos:

«... Ao regressar de Lisboa nos fins de Janeiro ult.º encontrei na m.ª mesa o ultimo tomo das suas Curiosidades de Guimarães. Sobreveiu uma grippe teimosa; depois surgiram casos particulares desagradaveis e tudo isto me obrigou a ser mal-creado. Eu aprecio m.to os trabalhos de V..., pode crer. Em tempos m.to idos, tive a veleidade de organizar uma monografia do concelho de Miranda do C.º em modelos um tanto sui generis; porem, como da gente da terra não houve compreensão do meu trabalho, abandonei o intento e arrumei a enorme soma de elementos de toda a espécie que fui colhendo — mas sem deixar de me interessar por esse genero de estudos que lia e consultava constantemente.

«Ora os estudos de V... pertencem ao numero dos que me interessam muito e

de que tive proveito; já por meres que têm sugerido certos passos dos meus capítulos mais (esqueci-me de dizer) resolvi recentemente, com os elementos arquivados, ao pôr que esgotei a investigação e organizar a monografia, em manuscrito, é claro, para se não perder tanto trabalho já feito e deixar, no obreiro Universitário, uma base de estudo futuro em honra e louvor de um concelho ingrato e ignorante...

«Fica, porem, á memoria de todos os meus avós que labutaram nas terras férteis do vale do Dueça com enxada e arado ou modelaram com amor e imperícia os tintos utensílios de barro vermelho que a Coimbra Doutora, por ser Doutora, teima em chamar seus.

«Desculpe o desabafo... e a sua oferta e os meus sinceros agradecimentos que meu pai sereno tardios não menos verdadeiros, viéram provocar as minhas mágoas perante a incompreensão dos meus patrícios.

«Muito e m.to obrigado, etc.»

Na verd.e, resolvi empreender a monografia de Miranda do C.o como se tivesse completado a investigação. E cá vou fazendo, capítulo a capítulo, esse monumento

formidavel, aere perennius, que ficará como documento de boa vontade, de bom trabalho e... de mal empregado tempo.

Coimbra

Abril: 6.

Escrevi hoje ao adido militar brasileiro pedindo-lhe uma boa carta da região dos Guararapes. O dr. Rebelo Gonçalves incumbe por uma conferencia na Sala do Instituto dos Estudos Brasileiros e eu escolhi p.º assunto as duas batalhas travadas nos montes Guararapes — Falta mais que eu breve passará o centenario

O homem responderá?

Coimbra

Abril: 13

Ontem recebi da Revista Militar aviso de convocação p.ª uma Assembleia Geral em que, alem da apresentação do relatorio do ano findo, se discutirá a denuncia do acôrdo de 1905 feito pelo então ministro Bernardino Pelles.

Esta denuncia deve ser mais uma tentativa de açambarcamento. A Revista, apesar de tudo, ainda era um reduto onde se escrevia com relativa liberd.e e os mandões (se não é só o mandão Coutos Costa) que-

rem-na reduzir pela fome... E o mais curioso é que nas novas propostas do acôrdo, aparece a clausula de todos os oficiais do Estado-maior serem socios efectivos da Revista e os antigos passarem ou a honorários ou a correspondentes!

Tanta desfaçatez só poderia vir destas creaturas.

O Salvador Pinto da França, outro societario da Revista veiu aqui hoje, exaltado e aborrecido com a proposta ministerial. Esteve a desabafar e por fim resolvemos responder colectivamente com um Não correcto mas categorico.

Ainda bem que encontro um parceiro para o contra-coice...

Coimbra.

Abril: 14.

Ontem, ás 22 h. e 30 m. depois de amavel discussão e comentarios picantes, ficou redigida a resposta que eu e o Pinto da França dâmos á tentativa de assalto á Revista Militar.

E' a seguinte:

« Ex.mo Sr. Presidente da Assembleia Geral da Revista Militar: Não podem, os abaixo assinados, comparecer á prox.ª sessão ordi-

naria convocada para o dia 21 do corrente. Todavia, para satisfazer á solicitação expressa na parte final do convite que tiveram a honra de receber, comunicam a sua opinião acerca da denuncia do acordo de 1905 e da proposta feita pelo Ministerio da Guerra para novo acordo.

«Tendo lido com a maior atenção os documentos elucidativos juntos á convocação e tendo em m.ta conta o § unico do artigo 3º dos Estatutos, os signatarios lamentam não ver como se possa conciliar a proposta exarada no oficio nº 596/E de 10 de Março p.p. do Ministerio da Guerra com a doutrina fundamental expressa no referido parágrafo.

«Quanto á prim.a parte da Ordem do dia sabendo os signatarios do cuidado, probid.e e dedicação que o Gerencia tem p.a com a administração da Revista, desde já aprovam o relatorio que será mais uma prova do que afirmam.

«Apresentando a Vm.e e aos Ilustres e Ex.mos Consocios os seus cumprimentos, subscrevem-se, etc. etc.»

Ainda bem q. encontrei no Pinto da França um excelente companheiro. Debaixo de aparencia fraca, amavel, bondo-

ra, transigente, é um caracter firme e seguro, com ideias assentes e sérias e incapaz de transigir com o que lhe não parece bem.

Coimbra.
Abril: 16.

Recebi hoje carta do Pires Monteiro, carta aflitiva. Fica guardada. Parece receiar o nosso voto na questão da renuncia de acordo com a Revista Militar.

Coitado, com o desejo de reanimar a Revista, transige e ainda ha-de apanhar um bom ponta-pé.

Fui hoje á tarde, ao Torrim, a casa do Laureano Chaves Almeida. Conversámos. Si que a-proposito do caso Madail, já está arrependido de ter mostrada a este a carta do P.e Nogueira Gonçalves a respeito do arquivo da Escola Livre. Ainda bem. O pior é que o arrependimento nem tarde porque o mal está feito.

A proposito das Memorias que anda a escrever, contou-me coisas do celebre coronel Duarte Nunes, muito edificantes. Irão no local devido. Este Nunes devo volumes e volumes e eu poderia ajudar a enche-los.

Coimbra.

Abril: 17.

Hoje, nova reunião com o Pinto da Fran
ça. Em virtude da carta do Pires Monteiro a
resposta para a Revista Militar foi um pouco
alterada e teve aditamento...

Fica guardada com os documentos que
de lá vieram; foram assim um processo
para a História da quadra q. atravessamos.

Coimbra.

Abril: 19.

Ontem, talvez por causa do calor, talvez
porque subi a ladeira do Castelo com a pas-
ta mto pesada, a seguir ao almoço, cheguei
á Biblioteca da Universidade muito mal dis-
posto, a sentir fortes pulsações. Voltei para
casa bastante incomodado.

Resumo: foi o começo duma paralisa
ção de dispersão que me poderia causar qual-
quer insulto, segundo opinião medica.

Foi como que um aviso... E fiquei avi-
sado.

Hoje o medico mediu-me a tensão arte-
rial: maxima, 10; minima, 5. De começo
julgou o aparelho estragado, tão baixa lhe
pareceu a indicação. Mas teve que se render
á evidencia. Enfim, a curva desce...

1467

Coimbra

Abril: 26.

Ontem deveria fazer a 1ª conferencia na sala Brasil da Faculd.de de Letras sobre «As duas Guararapes» se não houvesse o contratempo de dois casos:

Um foi a falta de energia electrica que desde as 21 h. deixou a cidade completam.te ás escuras; o outro foi a noticia que o Rebelo Gonçalves teve de que iria ser demitido do cargo de professor como agitador perigoso e inimigo da situação politica actual.

O primº caso originou situações muito comicas e deu azo a não aparecer publico aliás justificadamente — se bem que as pessoas interessadas poderiam ir na esperança do fiat lux a tempo e horas.

O segundo caso foi mais sério não só pelo facto em si que demonstra o caminho que os ditadores seguem após o momento de receio que houve ha algum tempo, como tambem pela comoção que produziu no Rebelo Gonçalves a ponto de o abalar, segundo parece, profundamente.

Este aspecto foi o mais grave; mas talvez tudo se componha porque a intervenção do dr. Manuel Lopes Almeida e do proprio ministro Pires de Lima deverá ter algum peso — se bem que quando a poli-

cia política entra em cêna é difícil correr com ela.

A ver vêmos. O que virá não deve demorar muito.

Um aspecto comico desta minha conferencia não realizada foi o de os jornais já impressos á hora marcada darem-na como feita e os correspondentes para os de Lisboa e Porto, como não estivessem para se incomodar, mandarem a notícia para o correio sem verificação. O Despertar, de Coimbra assim fez e fá prova aqui fica o recorte do numero de hoje. No Diario de Noticias, de Lisboa veiu notícia idêntica — o que tudo prova a verdade com que fala a nossa imprensa, a falada alvorada do Progresso, a nobre missão, etc. etc.

Instituto de Estudos Brasileiros

Como anunciámos, realizou-se ontem, pelas 21 horas e meia, no Instituto de Estudos Brasileiros da Faculdade de Letras, uma magestosa conferência subordinada ao título «As duas Guararapes». O sr Coronel Belisário Pimenta, autor deste valioso trabalho, mostrou a importância que as duas célebres batalhas tiveram na história militar do Brasil, em especial na luta contra os Holandeses no século XVII, pois foram elas que determinaram a expulsão dos invasores.

Pela categoria intelectual do conferente e pelo grande interesse do tema, teve esta conferência o melhor êxito.

Já agora permita aqui deixar-me brevemente mencionada, a presença da D. Dionisia Camões, professora do Liceu feminino, que pela primeira vez vejo como assis-

Veuté a qualquer das minhas conferências. Era uma das quatro ou cinco pessoas que se abalançaram á escuridão das ruas para me ouvirem. Fiquei surpreso e... um pouco desconfiado.

Coimbra.
Abril: 29.

A viuva do dr. Claudio Basto, D. Hermínia Basto, escreveu-me com amavel convite para eu colaborar num In memoriam que vai organizar do marido.

Francamente, não esperava tal convite. Não conheço esta senhora e, naturalmente, se se lembrou do meu nome, seria por encontrar cartas minhas entre a papelada do marido. Emfim, respondi hoje, afirmando a m.ª simpatia pela memoria do morto e dizendo que sim.

O pior é que não sei o que hei-de mandar pois os colaboradores serão, de certo, numerosos categorizados, e a m.ª colaboração pode rá não chegar á craveira.

Coimbra.
Maio: 1.

Depois de varias combinações, lá fiz hoje, á tarde, a m.ª anunciada conferencia na Sala Brasil da Faculd.ª de Letras.

Pouca concorrencia, como é costume. Alguns professores universitários, algumas senhoras e bastantes alunas da Faculdade além de certo numero de pessoas que não conheci. Presidiu o Amorim Girão que, no final, tirou conclusões algum tanto bem agarradas. O professor Rebelo Gonçalves fez a apresentação muito favorecida; foi arma vel em excesso.

A palestra lá foi como calhou. Pareceu-me, contudo, ouvida com algum interesse. Não vi ninguem dormir...

Conferências

INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIRO

Com numerosa assistência, o sr. coronel dr. Belisário Pimenta pronunciou na quinta-feira no Instituto de Estudos Brasileiros da Faculdade de Letras, a sua anunciada conferencia, que foi brilhante e versou sobre «As duas Guararapes».

No seu valioso trabalho, o sr. coronel dr. Belisário Pimenta mostrou a importância que as suas célebres batalhas tiveram na história militar do Brasil, em especial na luta contra os Holandeses no século XVII, pois foram elas que determinaram a expulsão dos invasores.

O conferente foi ouvido com o maior interesse, tendo a sua apresentação sido feita em termos muito calorosos pelo sr. Prof. dr. Rebelo Gonçalves, director do Instituto dos Estudos Brasileiros. Presidiu o sr. Prof. dr. Amorim Girão, director da Faculdades de Letras.

Os jornais, desta vez, deram a noticia sem erros de maior.

Deixo ao lado o recorte tirado da Gazeta de Coimbra f.ª a qual eu não sou persona grata; a noticia deve ser consequencia de nota remetida pelo dr. Rebelo Gonçalves.

Deixo tambem o recorte tirado de O Despertar f.ª

deu a notícia meio escondida, como envergonhado do engano anterior. E até me chama «ilustre bibliografo!» Coisas interessantes desta vida e deste mundo...

«As duas Guararapes»

Foi o titulo a que se subordinou a brilhantissima conferência proferida, no dia 1 de Maio, no Instituto de Estudos Brasileiros, pelo ilustre bibliografo e nosso respeitavel amigo sr. coronel Belizário Pimenta.

O conferencista foi ouvido com o maior interêsse, sendo o seu trabalho muito apreciado.

Coimbra

Maio: 5

Procurei o Madaíl em casa, ontem. Recebeu-me m.to bem. Atacámos o assunto. Creio que o demovi da intransigencia. E como tudo se resume em não querer ver o P.e Nogueira Gonçalves, pensei em organizar duas comissões: uma para as exposições em que entre o ilustre Madaíl; outra para as conferencias em que entre o Padre.

O actor Vasco Santana diria aqui o estribilho predilecto: «Está bem ou não está?»

Este sr. Madail é um estafermo de prim.a grandeza. Senti ontem ganas de o mandar bugiar, mas mantive-me com a melhor compustura e prometi-lhe, até, certos auxilios nas investigações.

Esta mª atitude não está bem no meu feitio nem nos meus hábitos. Mas, enfim, não convem complicar mais a situação.

... Pobre António Augusto Gonçalves!

Coimbra.
Maio :6.

Do comité do Instituto de Estudos Brasileiros enviado ao general Nogueira Soares fº assistir á mª conferencia do dia 1, respondeu este com um bilhete de visita, sêco e de 4 palavras, alegando serviço impeditivo.

O dr. Rebelo Gonçalves não gostou e replicou com um ofício de que hoje me mandou cópia. Leí-lo, pois vale a pena ficar registado:

«Ex.mo Sr. General Comand.te da 2ª. Região Militar. — Quartel General. — Coimbra. — Tenho a honra de agradecer o amavel cartão em que V.Ex.ª se dignou comunicar-me que não poderia assistir á conferencia do Ex.mo Sr. Cor.el B. 8. — Como não podia deixar de ser, muito lamentei que V.Ex.ª não pudesse estar presente, mas perfeitamente compreendi essa impossibilidade devida, sem duvida, aos muitos e instantes deveres do seu alto cargo. — Aproveito a oportunidade pª dizer a V.Ex.ª com grande satisfação

que a conferª do srs. Corª do B.P. relativa ás duas batalhas dos montes Guararapes (Brasil, secc.ª XVII) constituiu não apenas uma notabilissima lição de historia militar, mas tambem uma excelente lição de linguagem portuguesa — o que, de resto, não constituiu surpresa para o auditorio pois S. Exª além de figura insigne do Exercito Português é um intelectual na mais pura e mais nobre acepção do termo e um escritor de magnificos recursos. Como director do Instituto de Estudos Brasileiros da Faculdª de Letras muito me honrou verdadeiramente pelo facto de uma tão distinta individualidade se ter prestado a colaborar na actividade cultural deste organismo universitario.

— Queira V. Exª aceitar os meus respeitosos cumprimentos. — A bem da Nação. — Faculdª de Letras de Coimbra, 5 de Maio de 1947. — O Director do I. E. B. — (a) Rebelo Gonçalves. »

O oficio está um tanto ou quanto exagerado e não é infalivel no ponto de vista de pureza da lingua. Mas o general é que de certo não compreendeu a intenção do Rebelo Gonçalves; é suficientemente estupido pª não alcançar o que vai nas entrelinhas.

Recebi do Ex.mo Sr. Tenente Belizario Pimenta

a quantia de **setecentos réis,**

pertencente á sua assinatura do trimestre de 8 de Dezembro

de 1912 a 8 de Março de 1913.

Coimbra, 3 de abril de 1913.

João Henriques.

382
62
6
18
45

Jornal de Coimbra

Proprietarios — JOÃO HENRIQUES e JOAQUIM FERREIRA

Administrador — João Henriques o o o o o Director — Joaquim Ferreira

Redacção, administração e tipografia — RUA DO PATIO DA INQUISIÇÃO, 25 a 31

Nº 247

Réis 700

Recebi do Ex.mo Sr. Tenente Belizario Pimenta

a quantia de 700 reis

Volume E

Completar ~~nota a pg. 29.~~ | ~~Paginas Guardadas~~

" ~~linhas 5-6 de pag. 37.~~

" ~~nota (1) de pag. 78~~

" ~~linha 17 a pag. 138~~

" ~~nota de pag. 149.~~

" ~~" " " 150~~

" ~~" " " 151~~

" ~~pag. 219, nome do livro do Miz. de Carvo~~

" nota de pag. 247.

" ~~pag. 281 Livro de Madail~~

" ~~nota de pag. 275~~

" ~~" " " 278~~

" notas (2) de pag. 319. (1948)

" ~~nota pg. 399~~

1471

Coimbra.

Maio: 13.

Hoje loupa carta ao Ferreira Lima acerca do centenario do Sebastião Teles da qual aqui deixo apenas um extracto:

«.... Quanto ao centenario do Sebastião Teles: 1) Possuo um exemplar de A Organização do Estado Maior, Lisboa, 1878, com dedicatoria do autor ao então capitão de Infant.ª Antonio Luis da Cunha, pai de m.ª Tia Susana Pimenta; como tem dedicatoria será mais interessante figurar na exposição? — 2) Os meus manuais não dão uma referencia ao Sebastião Teles na publicação francesa La Revue d'Infanterie, vol. 88.º a pag. 98-104; não possuo esta revista e não me lembro onde a teria colhido — possivelmente na Escola Pratica de Infantaria ou no regim.to de Infantaria 6, quando estive em Penafiel. Vão lá saber! Seria interessante rever a referencia. — 3) Das Lições de Estrategia do nosso grande Passos de Miranda Cabral, vol. II, pag. 300 e seg.tes ha critica ás Tabelas do Sebastião Teles. — 4) Na Revista Militar são, evidentemente, conhecidas: a homenagem no vol. 80.º (1928) e o artigo do Pires Monteiro no vol. 89.º (193X) e ainda o meu ultimo artigo no n.º 2 desta

ano corrente. — 5) No vol. XII das Publicações do Congresso do Mundo Português, no t. I, pag. 413 dos Discursos e Comunicações apresentadas ao Congresso da História da actividade científica, verá a comunicação do Pires Mont.º em que ha largas referencias á obra capital do Sebastião Teles. Não deverá aparecer tambem? — 6) Tenho um retrato do Seb.am Teles, em gravura em madeira feita por meu Tio Rafael; mas onde? Ha dias que a procuro. É conhecido, de certo. — 7) As caricaturas da epoca, como as da Parodia, ou Pontos nos ii's? Não seria curioso? Não se lembraram disso?

« Aqui vou o que se me oferece dizer a respeito do assunto. Conto, em Julho, estar na Paz (Mafra) e irei a Lisboa auxilia-lo em qualquer coisa. A exposição é na Biblioteca? Seria mais proprio, o pior é que o espaço é pequeno.

« Recebi hoje o seu cartão relativo á 2ª edição do livro do general Martins de Carvalho. Muito obrigado. Já falei com o neto que ficou de estudar o assunto com o dr. Joaquim de Carv.º e a casa editora Altamira, L.da. Direi, a seu tempo, o que houver.

« Quanto ás cartas de Garrett, vou mandar os meus verbetes (preciosos, como o meu Am.º lhes chama) e direi depois.

«O Saldanha... Estava no ultimo capitulo; mas o seu desenvolvimento foi tão grande que tive de fazer dois. Trata-se da campanha de 1846-1847, curiosissima por sinal. E assim continua a faltar o ultimo capitulo a que me vou lançar com unhas e dentes. Perdão... só com unhas porque dentes quasi os não tenho já.

«Um abraço, etc.»

Ha dias, O Despertar, de Coimbra, deu a seguinte noticia: na qual suspeito e creio que com toda a razão o dedo magico do Madail. Ele é capaz de tudo e de mais alguma coisa. A pouco e pouco vai insinuando no respeitavel publico a ideia de que só ele pensa e venera a memoria do velho Gonçalves.

Os trabalhos de António Augusto Gonçalves vão ser expostos

Talvez durante o próximo ano será feita nesta cidade uma exposição de todos os trabalhos executados pelo mestre saudoso António Augusto Gonçalves.

Boa ideia, a que damos todo o nosso aplauso.

—Também estão a ser coligidos todos os artigos escritos pelo Mestre e publicados em diversos jornais do País. Sabemos que o *O Despertar* é dos jornais que mais produções fornece — o que não admira dada a permanente colaboração de Mestre Gonçalves no nosso jornal.

Lutar com patifes é trabalho muito inglorio.

Coimbra

Maio: 14

Como não consegui, por duas vezes, encontrar o dr. Rebelo Gonçalves para lhe agradecer o convite p.ª a conferencia, as palavras amaveis com que me apresentou e ainda as referencias feitas no oficio que mandou p.ª o general e que atraz ficou copiado, resolvi escrever-lhe uma carta que hoje mandei.

E a respeito do oficio p.ª o general dizia-lhe: «o oficio em q. V... me deu honras q. julgo não merecer, não seria compreendido pelo destinatario; os generais, pelo que vejo actualmente, habent sua fata (não sei se o latim vai em termos) e o deste será não atingir a ironia, embora cortante de q. V... se serviu.»

Ontem esqueci-me de explicar que o livro do general Martins de Carv.º a que me referi na carta p.ª o Ferreira Lima são Subsidios para a historia dos regimentos de Inf.ª e Caçadores, que um neto, actualmente empregado na Biblioteca da Universid.e deseja publicar, em 2.ª edição, ampliada, e para a qual me solicitou um prefacio. Em principio, aceitei; mas lembrei-lhe que para actualizar a obra a melhor pessoa se-

ria o coronel Ferreira Lima que parece não ir fóra disso. Vamos a ver o que sái de Vaulo bom desejo.

Coimbra.

Maio: 16.

Hoje, mais outra carta para o Pires Monteiro. Entre outras coisas dizia-lhe a respeito da denuncia do acordo de 1905 da Revista Militar com o Ministº da Guerra:

«... No proxº dia 20 lá teremos festa.(1) Calculo que seja festa triste. No ambiente deve pesar a bota ferrada do Sam. Los Costa... Oxalá o caso do novo acordo (!) seja por bons termos; mas lembre-se de que, meu caro Pires Montº, o desejo de salvar a Revista poderá levar a transigencias que nem salvam a Revista nem nos deixam em boa situação moral. Eu não quero influir no seu criterio; isto que digo talvez seja calumnia de quem se começa a sentir intratavel, mas quero crer que ainda a grande resposta a um coice e... outro coice. Mas não faça caso.»

---

(1) Assembleia geral, recepção de novos socios, distribuição de premios, etc.

Coimbra.

Maio: 22.

Conferencia do Joaquim Cardoso, ontem á noite, na sala da Associação dos Artistas. Têma: Os ferros forjados de Coimbra e o seu valor artistico. Os camaradas diziam no final que seria prestada homenagem á memoria de António Augusto Gonçalves, doutor Guimarães, Arquitecto Silva Pinto e João Machado.

Estavam as autoridades todas: governador civil, presidente da Câmara, Chefe do Estado-maior, professores universitários, etc. etc. Uma enchente que dava a entender conferencia superior.

Afinal, o sobre diabo, nada disse e em muitos passos disse asneira. Os laudas em que ia tendo, misturaram-se; outras perderam-se. Uma trapalhada.

E a homenagem referida limitou-se á projecção dos retratos dos quatro artistas, por sinal que mal feita.

Mas o alto funcionalismo estava todo. O que haveria?...

Coimbra

Maio: 26.

O Diamantino Antunes do Amaral, coronel do regimento de Aveiro, que agora

vai para a Escola de Caxias aprender mânhas de general, pediu-me, por emprestimo, a papelada do meu curso para estudar e poder guiar-se numa ou noutra coisa. Respondi-lhe humoristicam.te e entre outras coisas de fantasia contei-lhe, com verdade, o que fiz aos papeis:

«... E agora, vamos aos relatorios q. sem o meu Am.º querer me despertaram ferida aguda, de ha oito anos, conta redonda. O caso deu-se em dia de S.to Antonio milagreiro que, por sinal, nesse abafado dia 13, não fez milagre de qualquer especie. A 15 ou 16 do mês regressei a Leiria onde tinha casa e a familia; e um dos meus primeiros cuidados foi destruir toda a papelada que se relacionasse com a aventura a q. me lançára. Foi um rasgar de obras-primas que não faz ideia!... Mas foi tudo para o cesto dos papeis que, para não transbordar foi, durante o auto-de-fé, despejado duas vezes.

«Foi um alivio, é certo, mas foi tambem um erro. Depois, mais tarde, arrependi-me, pois devia ter conservado tudo para que a Historia podesse, um dia, comparar. Mas o feito, feito, meu caro Am.º e mal feito.»

Coimbra.

Junho: 1.

Hoje, 5ª reunião da comissão do centenário do Gonçalves. O P.e Nogueira Gonçalves avisou-nos de que recebera uma circular ~~xxx~~ em que se proíbiam reuniões em qualquer dependencia dos Museus do Estado, sem prévio conhecimento do Ministério, etc. etc. Esta circular deu-nos que pensar... Estará ligada com as nossas reuniões no museu de Machado de Castro?

Tudo é possivel.

Ora segue a acta da sessão:

«No dia 1 de Junho de 1947 na sala das sessões d'O Instituto de Coimbra reuniu-se a comissão organizadora estando presentes: Alvaro Viana de Lemos, Ant.º Luis da Costa Rodrigues, Antonio Nog.ra Gonçalves, Belisário Pimenta, João Machado J.or e Lourenço Chaves Almeida. Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior. O sr. dr. Costa Rodrigues justificou as faltas dadas ás ultimas sessões e informou de que, procurando o dr. Pinto Loureiro com o fim de saber a parte que não só ele como o Arquivo Coimbrão poderiam tomar na celebração do centenario, este se recusára por completo a qualquer colaboração alegando

razões varias: entre as quais a nenhuma acção de A. A. Gonçalves em favor da Biblioteca Municipal. Em conferenciação o sr. Viana de Lemos comunicou que o sr. Joaquim Namorado, um dos directores da revista desta cidade Vértice dissera que teria muito gosto em que a revista podesse colaborar na celebração e bastava para isso qualquer indicação desta comissão. B. P.ª também comunicou que, falando com o sr. Pedro de Moura e Sá, actualmente um dos directores da Emissora Nacional, este lhe afirmára a sua simpatia pelos nossos trabalhos e prometera a sua intervenção no sentido da propaganda que fosse conveniente. Foi também lembrado que seria oportuno solicitar do sr. dr. João Gaspar Simões a publicação das cartas de Raul Brandão para A. A. Gonçalves que estão em seu poder. B. P.ª expôz então as suas deligencias junto do sr. Rocha Madail que encontrou menos intransigente e um pouco mais disposto a colaborar connosco dentro de certas normas; expôz também a altura em que este senhor tem certos trabalhos e que julga importantes p.ª dar valor á comemoração projectada; e de tudo concluiu que se poderia formar uma pequena comissão exclusivamente para le-

var a efeito a exposição dos trabalhos do Mestre independente desta nossa comissão que ficaria liberta dessa ~~coisa~~ parte do programa; e assim o sr. Rocha Madaíl trabalharia com um de nós que poderia ser o sr. Viana de Lemos os quais agregariam outra qualquer pessoa que viesse necessario agregar. Talvez assim o caso ficasse resolvido e possivelmente com vantagem p.ª os trabalhos. V.E.ª disse ainda que o sr. Rocha Madaíl lhe contara que, encontrando o reitor da Universid.e o sr. dr. Maximino Correia, lhe falara na possibilidade de uma exposição pelo centenario do nascim.to de A. A. Gonçalves e que este sr. dou Vor aprovando a ideia, lembrara que seria possivel a colaboração da Universid.e em tão justa homenagem. Como este episodio tem p.ª nós importancia capital, V.E.ª propoz que, com a maior brevid.e se fosse falar ao reitor p.ª saber o que este pensava fazer e lembraram que o sr. dr. Costa Lobo pedisse audiencia p.ª que se lhe fosse expôr o que pensavamos ~~fazer~~ realizar. Foi aprovada a proposta das duas comissões e foram nomeados para procurar o reitor com a possivel brevidade, os snrs. dr. Costa Lobo, dr. Costa Rodrigues e Belis.º Pimenta. — O sr. João Machado falou a respeito

da Escola Livre que deveria ser transformada em Casa de Ant.º Aug.º Gonçalves; trocaram-se impressões acerca do assunto e ficou resolvido sondar a opinião do engenheiro encarregado da conclusão das obras na Torre de Almedina. Resolveu-se ainda esperar a resposta do reitor da Universid.e para se dar conhecim.to á Imprensa das nossas intenções. E não havendo mais nada p.a tratar, etc. etc. »

Coimbra.

Junho: 11.

Conseguimos hoje, eu e o dr. Costa Lobo, falar ao Maximino Correia, reitor da Universid.e — p.a efeito do centenario de Ant.º Aug.to Gonçalves.

Ha muito tempo que eu não subia á reitoria. Na chamada Sala dos Archeiros notei que foi reposta a armação de madeira para apoio das lanças e das massas e notei ainda com certo gaudio que se mantem na d.a armação as iniciais doiradas G. A. A. que significam Guarda Real dos Archeiros — para o que der e vier.

O Maximino Correia recebeu-nos muito bem. E expostas as razões da audiencia ele disse claramente que entendia que a Universidade deveria apoiar a

ideia; que, pelo Madail já sabia vagamente dessas reuniões e que já, sobre o caso, falára com o dr. Pereira Dias, director da Faculdade de Ciencias da qual partiria a iniciativa da proposta para o Senado. Disse mais que o dr. Pereira Dias acolhera bem a ideia e que estava convencido de que, como a proposta tivesse razões fortes e ele, reitor, a apoiasse, o Senado, de certo, aprovaria tudo. Falou, depois, na generalidade, a respeito do centenario e acerca do Gonçalves e apontando, com movimento de cabeça na direcção da sala dos capelos, lembrou a possibilidade duma reunião solene...

Eu ouvi e não insisti; pareceu-me melhor deixar o caso entregue á divina Providencia que neste negocio se concretiza nos seus mais fortes.

Não imagino bem o que sairá dali, pois o Gonçalves não era universitario e pode ser que essa circunstancia seja eliminatoria. A Universidade é sempre misteriosa...

Confesso, saí satisfeito pois me pareceu que o reitor falava com sinceridade; e com o auxilio do Pereira Dias que parece estar interessado, os nossos desejos [illegible] terão certas probabilidades de seguirem por bom caminho.

1481

A' saída, no vestíbulo, verifiquei q. ainda lá estavam, a dourado e em ponto grande, as iniciais da Guarda Real dos Archeiros...

Coimbra.

Junho: 14

Mais outra carta f.ª o Pires Monteiro: é um nunca acabar de epistolas. Podiam já encher uma boa pasta.

Enfim, é um entretem como outro qualquer. Ora cá vai parte da missiva, a parte mais curiosa:

«... Eu continúo muito reazombo, a sentir faltar-me a capacid.e de trabalho, possivelmente resultado de momentos q. atravesso e que me deprimem.

«M.e obrigado, tambem, pela indicação do artigo ácerca de Navaltares que eu não conhecia. Felizmente encontrei num maço de numeros da Revista do Exercito e da Armada que ainda não tinha desencadernado, os dois fasciculos em que vem o artigo. Fiquei satisfeito por encontrar opinião equivalente á minha quanto á educação militar do Condestavel; quem sabe se, no futuro, alguem virá a dizer que eu plagiei Eduardo Costa a esse respeito! Não concor-

do, porem, com a opinião acerca de Valverde e notei que p.ª tirar as conclusões que tirou, aliás com lucidez, se fundasse apenas em Oliveira Martins e nem uma vez citasse, directamente, Fernão Lopes. Mas é excelente trabalho que sain fóra dos moldes da epoca e que m.to me interessou conhecer.

«Quanto ao centenario[1], faço tenção de estar presente á sua conferencia (24 de Julho: dia simbolico, ai de nós!...) e á inauguração da estante pelo nosso general Norton de Matos. A' sessão soléne no Estado-Maior não terei coragem de aparecer; o casarão é-me intimamente antipatico e os oradores não me despertam curiosidade. Depois, lerei com vagar as banalidades que não deixarão de dizer. Serão eles capazes de mais alguma coisa que não seja banalidade encomiastica?

«A' sua conferencia que com certeza suprirá o prefacio da hipotética 2.ª edição da Introdução ao estudo dos conhecimentos militares é que só faltarei por motivo muito imperioso. Nessa altura do mês já estarei na Paz e ser-me-ha facil aparecer em Lisboa e ter o maior prazer em o aplaudir.

«A respeito da intervenção de O Instituto

---

[1] Do Sebastião Teles.

to de Coimbra, devo dizer que não é facil; a epoca é pessima, já quasi não ha ninguem na cidade; alem disso, o Sebastião Teles não era pessoa ligada a Coimbra por qualquer láço. Se me tem dito isso de começo, eu poderia sondar o presidente da instituição se bem que aqui já não ha gente que lidasse com o general e eu, francamente, não tomaria sobre os ombros a responsabilid.e de uma empresa p.a a qual nem de longe estava preparado.

«Pensei em deixar num jornal da terra, o mais antigo, qualquer coisa; mas ultimamente a m.a cabeça para pouco mais serve do que para pôr o chapeu quando sáio á rua. Vamos a ver se serei capaz ainda de arquitectar uma lenga-lenga condigna.

«E acabo. Vou passear com a Neta, um pouco, para a distrair. A tarde melhorou e o sol apareceu de novo. Assim o horisonte politico se aclarasse e se modificasse. Estâmos condenados a não tornar a ver as liberdades no signo das quais fomos educados e somente a sentir a todo o momento o Avé á Senhora de Fatima — que cheira a dobre de finados a leguas de distancia. Meu caro: a melhor saude, etc.»

Coimbra.

Junho: 18

Ora ha dias o Salvador Pinto da Fraga contou-me um caso curioso que não quero deixar de registar.

Ha pouco tempo foi agradecer ao general Carmona os pêsames que este lhe enviara na altura da morte de Esposa. Conversaram um bocado e lembraram os primeiros tempos da actual situação política em que os dois lidaram muito de perto. E na conversa veiu a modificação que a situação tomou desde então, isto é, desde que o Salazar começou a ter influencia nos governos, orientando de modo muito diferente ão que de começo se desejara fazer.

O pobre diabo do Carmona confessou-lhe o desgosto que tinha por isso mas confessou também que se via amarrado aquele poste por necessidades e imposições da política e que se via muitas veres obrigado a assinar leis e aceitar resoluções ministeriais como quem faz de engolir marmelos crús...

E depois, fazendo uma pausa e com um gesto em que, com a mão esquerda, juntava as cabeças dos dedos em movimento, concluiu:

— Mais do que marmelos crus... Sinto que ás veres engulo sapinhos vivos...

E agitava mais os dedos, em pinha.

Em cima chamei-lhe pobre diabo; mas, com franqueza, o que é que se lhe ha-de chamar?

Coimbra.

Junho: 18.

Outra reunião, a 6ª, da comissão do centenario do Gonçalves.

E a-proposito...

O Madail continúa na faina da investigação sobre Antº Augº Gonçalves; e o Lourenço Chaves Almeida com toda a sua boa fé, anda a dar-lhe toda a corda. Oxalá não tenhamos que nos arrepender de tanta confiança.

O ilustre Madaíl anda agora ás voltas com o processo que eu, em tempos, e em nome do Conselho de Arte e Arqueologia da 2ª Circunscrição, movi ao celebre Antonio Viana e ainda não ha muito me disse com ar de magua mas por debaixo do qual me parecer ver certa satisfação:

— O Conselho ficou tão mal colocado...

Quiz fazer-lhe ver que o Juiz, José Cupertino de Oliveira Pires é que colocou mal o Conselho por influencia do Almeida Mo-

reira, de Viseu, seu intimo amigo; e contei-lhe resumidamente como o caso se passou. Mas ele, sempre com o mesmo ar mefistofelico acrescentou:

— O Abel Urbano contou-me umas coisas do Gonçalves que não depõem nada a favor do seu caracter... Eu até tomei nota dessas historias...

Eu saltei logo:

— Para que é que V.Ex.ª tomou essas notas?

Ele respondeu evasivamente: isso foi em tempos em que nem por sombras pensava em estudar a vida do Mestre; e que tomára as notas porque lhe poderiam servir um dia...

Pareceu-me que esta confissão saíra sem ele querer, e entendi que não valeria a pena insistir para que é que essas tais notas poderiam servir... Posso, porem, acrescentar que, nessa epoca, o Madail não tragava o Gonçalves e tudo quanto lhe aparecesse contra este, mesmo de origem auspeita, lhe servia. (1)

Esta é que me parece ser a verdade.

Fiupi que não percebi a velhacaria de confidencia e procurei-o contra a sua-lin-

(1) Ver, atraz, pag. 193.

gia do Abel Urbano que abandonou o Conselho de Arte e Arqueologia porque querendo ser senhor absoluto e despotico enquanto foi seu presidente, encontrou pela frente o Gonçalves e eu que m.tas vezes lhe fizemos rosto - e o vencemos na ordem.

Depois de eu lhe expor estas coisas lentamente, como de quem não quer a coisa, ele confessou:

— Realmente... ainda ha pouco, procurando o coronel Urbano para ele me confirmar o que ha tempo dissera acerca do Gonçalves, vi com espanto que se não lembrava de nada e referindo-lhe eu um ou outro passo, negou que tivesse dito tais coisas...

Eu pensei: como tudo isto é misterioso... O Madail que afirma querer exaltar a memoria do Gonçalves, anda a procurar demassar o que de mau se lhe atribuia: no processo tortuoso do juiz Olivº Pires e na má lingua do violento Abel Urbano — e quem sabe se historietas que o Viana lhe teria contado.

Oxalá, repito, não tenhâmos que nos arrepender de tanta benevolencia com um velhaco desta ordem.

Porque, na verdade, aqui deve andar grande velhacaria.

Mas vamos á acta da sessão:

« Aos 18 de Junho de 1847, numa das salas de O Instituto de Coimbra reuniram-se os vogais seguintes: dr. Gumersindo da Costa Lobo, dr. Costa Rodrigues, P.e António Nogueira Gonçalves, Lourenço Chaves de Almeida, João Machado e Belisario Pimenta. O sr. Viana de Lemos mandou justificação da falta e o sr. dr. Costa Lobo justificou a falta á ultima reunião. Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior com a seguinte rectificação pedida pelo sr. dr. Costa Rodrigues: o dr. José Pinto Loureiro não se «por completo» a qualquer colaboração » como ficou escrito, mas admitia a hipotese dum artigo do snr. dr. Costa Rodrigues acerca de Mestre Gonçalves. Tambem acerca da acta se explica que o engenheiro a quem ela se refere quando o sr. João Machado tratou do destino da Escola Livre, era o sr. Baltazar de Castro, arquitecto que superiormente dirige as obras nos monumentos nacionais e que indevidam.te foi tratado por engenheiro. — A seguir V.S.ta expoz o que se passou com o reitor da Universidade quando o sr. dr. Costa Lobo e ele o procuraram; o dr. Maximino Correia recebeu m.to bem os comissionados e ouvida a ex-

posição feita, declarou que a sua opinião pessoal era de que a celebração do centenário seria justíssima e que a Universid.e deveria colaborar por qualquer modo ou chamar a si a parte mais solene da comemoração, aludindo vagamente á possivel realização duma sessão na propria Universidade. Contudo, como a sua opinião pessoal nada determinaria, esperava que a Faculd.e de Ciencias tomasse a iniciativa de apresentar ao Senado qualquer proposta nesse sentido f.o o que já se entendera com o dr. João Pereira Dias director daquela Faculdade. Terminou dizendo que logo que houvesse alguma coisa resolvido nos participaria. A comissão congratulou-se com o exito da deligencia e resolveu dar conhecimento ao publico por intermedio da Imprensa logo que haja resposta da Universidade. Ficou encarregado da deligencia junto da Imprensa o vogal B. Pinheiro. — E não havendo mais nada, &c.»

Coimbra.

Julho: 2

Muitas voltas tem dado o Mundo e eu sem aqui as registar!

Hoje o calor subiu no exterior a 36°, na m.a janela do Norte. E' possivel que es-

te exagero termico tenha influencia nos espiritos...

O Lourenço Chaves Almeida, apesar da canicula, apareceu aí para irmos até ao Madail darmos conta das resoluções tomadas a seu respeito. Lá fomos.

Aceitou, ou pareceu aceitar, a solução proposta; mas como velhaco que é, torceu logo. Não quer que nós falêmos, na comunicação á Imprensa, na exposição organizada por ele e, alegando subtilezas da Universidade que ele quer interessar no certame, disse com ar de mistério:

— Eu pensarei nisso... verei isso a meu modo...

Ha dias, aqui em m.ª casa, queixava-se das delonças nossas, dizia que era preciso dar conhecimento ao publico, para convidar quem tenha obras do Gonçalves a cede-las. Agora não quér. Ele lá sabe o que faz. Quer aparecer como o salvador da memoria do Gonçalves e na verdade, com os elementos que possue póde fazer-se forte.

Ao menos, o que nos vale, áqueles q. pela memoria do Gonçalves teem culto sincero, é que ele ficará bem vincado para futuro. O que é pena é que seja este diabo do Madail um dos agentes da glo-

rificação — quando, verdadeiramente, ela só deveria rir dos amigos sinceros.

Pobre Gonçalves!

Coimbra.

Julho: 4.

Hoje, nova sessão do centenário, por sinal que se realizou no Jardim Botânico, debaixo das filias floridas e aromáticas por não ter aparecido o guarda d'O Instituto. Segue a acta:

«Aos 4 dias do mês de Julho de 1947, no Jardim Botânico, na alameda junto do edifício de S. Bento, se reuniu a comissão estando presentes: dr. Costa Rodrigues, João Machado J.or, Lourenço Chaves Alm.da e Belis.o Pimenta. Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior. B.P.G deu conta da deligencia que fez juntamente com o sr. Chaves Almeida junto do sr. Rocha Madail ao qual apresentaram a solução aprovada na sessão de 1 de Junho p.p.; este senhor aceitou a missão de organizar a exposição de trabalhos de mestre Gonçalves mas pediu para nós não darmos conhecimento disso á Imprensa quando a convocassemos p.a notificar o plano do centenario. Foi resolvido, a seguir, que

se convocassem os directores e representantes dos jornais e que o voga B. P.ta lhes expusesse os nossos fins e lhes pedisse a cooperação. — João Machado lembrou que seria interessante e de valor p.a a comemoração que a Associação dos Artistas promovesse uma romagem ao tumulo do Mestre para a qual se convidariam as associações locais e povo; e disse que, nesse sentido trocára impressões com alguns vogais da direcção da colectivid.e. Esta sugestão foi aceite com aplauso e os vogais presentes pediram ao sr. João Machado que não abandonasse a ideia e continuasse a propaganda junto dos directores da Associação. O sr. dr. Costa Rodrigues lembrou que seria de grande relevo uma conferencia em Lisboa na ocasião do centenario feita pela senhora D. Genoveva de Lima Mayer; foi aprovado ficando encarregados de sondar o animo da ilustre senhora o mesmo sr. dr. Costa Rodrigues e o sr. Lourenço Chaves Almeida. — E não havendo mais nada p.a tratar, etc. »

Os nossos planos começam a tomar vulto. Oxalá não comecêmos a fantasiar e a fugir ás realidades.

1490

Coimbra.

Julho: 3

Recebi hoje cópia do despacho do ministro da Guerra relativo ao caso da Revista Militar. O homem «desinteressa-se do problema» por lhe parecer «inútil a insistência...» e desinteressa-se porque vê a Revista orientada «por objectivos restritos de carácter particularista» e ele, ministro, «rege a sua actividade por normas mais amplas» e procura mostrar ao respeitável público o «elevado índice da mentalidade» do exército.

Como estas coisas se dizem! Como se atrevem a falar em normas mais amplas e no elevado índice de mentalidade do exército!

O certo é, parece, que a Revista Militar vai no seu 99.º ano, porque resolveu não se submeter a sua Ex.ª o ministro, poderá morrer sem completar a centena de volumes.

Mas, ao menos, morre como deve morrer.

Coimbra.

Julho: 7.

Venho da reunião convocada pela comissão do centenário, dos jornalistas co-

numbricenses. Dos 15 convites distribuídos, 10 deles compareceram. Vê-se bem o que valem, em alturas, os nossos jornalistas.

Vamos agora a ver como saiem as notícias. Com certeza sái asneira; mas não ha outro remedio senão aturar estes diabos que se julgam alguem.

Bem me dizia o S.r Nogueira Gonçalves lá Vouga:

— Convide-os para uma comezaina e verá como eles aparecem...

Paz: Mafra:

Julho: 17.

De novo aqui, com mais um ano de idade e muito mais ~~xxx~~ desalento.

A mesma paisagem dura, e a mesma mentalidade agreste. Parece que saí ontem daqui, tão igual é este amontoado de ano para ano.

Duas vezes fui a Lisboa, desde o dia 9 em que cheguei; e cada vez me convenço mais de que me torno, aos poucos, inadaptável... Aquela vida de Lisboa é incrível e a situação politica vai tornando esta sociedade cada vez mais abastardada.

Com festanças de estrondo, com cortejos extraordinariamente caros e as constantes

mentiras lançadas pelo Emissário, vai-se adormecendo o Povo e fazendo-lhe desviar as atenções para a onda de ferocidade que de novo se espalha.

É de desalentar o mais optimista. Os homens de valor e de situação saliente agácharam-se não sei se com medo: aguentaram a perseguição própria e abandonaram os outros á sua sorte. E no entretanto, nos cafés, nos encontros de rua, nas reuniões familiares a actual situação política é escalpelizada e por vezes amaldiçoada.

O que quer isto dizer?

E depois... a protecção, ás claras, da Inglaterra e dos Estados-Unidos é confrangedora. Nos discursos dos seus homens representativos há sempre cauticos á Liberdade e á Democracia; insurgem-se contra outros países onde impera o despotismo mas ameigam e envaidecem a figura sinistra que tudo manda em Portugal por conta da Sociedade internacional dos Jesuitas.

Paz: Mafra.

Julho: 18.

Um período, apenas, duma carta para o Pires Monteiro que me pediu, quasi anciosamente notícias minhas. Ainda é dos bons, citado:

«.... Li o artigo do Pinto Loureiro, Filho, na Seára. O autor é rapaz novo, pretendente a capelo e borla de direito; ainda está longe de ser erudito sociologo. Por agora, é mais propriamente um estudioso e um pensador — e já não é mau. Pertence ao Movimento de Unid. Democratica (M.U.D.) e isto deve, talvez, trazer-lhe dissabores para as pretenções doutorais. Mas dizem, realmente, que o rapaz tem merecimento.»

Paz: Mafra:

Julho: 25.

Dia de Santiago, o dos Mairos...

Os jornais embandeiram em arco com noticias do estrangeiro relativas ao céu aberto em que vivemos dentro das nossas fronteiras.

E' sir Samoel Hoare que nos louva; é o Times que diz coisas belas a propósito de uma entrevista com o Patrão.

Emfim, hoje é dia de gaudio para esta peccia de escravos e esfomeados que nos governa.

«Se o regime português deverá ser considerado ou não como paternal, autoritário e ditatorial, isso é assunto da predilecção que cada qual tiver...» diz o Times q. o Patrão afirmára na entrevista.

E o mariola ha-de rir, por certo, ao ver subir o termometro que o ferro ha-de provocar.

Não fosse ele catolico...

Paz: Mafra.

Julho: 29.

Carta para o Pires Monteiro: depois da conferencia commemorativa do centenario de Sebastião Telles:

«... Eu é que já lhe devia ter escrito e renovado as felicitações pela sua conferencia. Mas a vida é o que é e não o que nós queremos. E o peior é que cada vez me vou habituando com menos resignação — palavra que parece magica p.ª muita gente, pois oiço-a a meudo quando me queixo e me indigno.

«Emfim. Adeante.

«Quanto á sua conferencia, devo dizer que fiquei satisfeito por ter assistido. Ambiente de elevada distincção o que, nestes casos, não pode ser indifferente. A assistencia numerosa, como não contava, tambem dava mais valor; e emquanto esperava e o auditorio se arrumava vi e ouvi, com prazer em frases soltas e simples cumprimentos, sinais de muito interesse. Comprehendi que não era só a memoria do Sebas

Vião Teles que reunia ali aquela gente toda, havia tambem interesse em ouvir o conferente.

«A conferencia foi soberba, bem delineada e focou nos pontos essenciais que era preciso focar para se avaliar qual foi o merito do Sab.ão Teles como homem de ideias ou, conforme lhe chamam, como pensadôr. E' certo que á palavra pensadôr se liga, em regra, noção mais larga, mais ampla e complexa; mas a verd.e é que o autôr da Introducção ao estudo dos conhecimentos militares se deleitou (como agora se diz) sobre os problemas sociologicos e filosoficos da epoca e os ligou com a evolução dos conhecimentos militares. Do seu espirito reflexivo e de visão clara, teria causado extranheza a tendencia p.a afastar os mesmos conhecimentos do conjunto de ciencias que certas correntes de ideias acceitham; e daí a preoccupação de dar a solução intelligente, com certa profundeza, embora com aparencia de vulgarização.

«O qualificativo, pois, não lhe ficou mal e bem andou o meu Am.o de assim embiolar a conferencia. Deu mais elevação ao trabalho e não exagerou as intenções.

«Ds m.as felicitações, pois. E dei-me por satisfeito ao sair da Sociedade de Geografia

pois a sessão teve certa grandeza e o seu trabalho correspondeu á curiosidade culta porquanto nem todo o auditório o compreenderia. Quando nos encontrarmos reforçarei e explanarei as m.as impressões mal traduzidas aqui. A Séla cerca-me com preguntas insistentes e mal terei tempo de reler o q. escrevi p.a não faltar á passagem da caminheta do correio.

«Um abraço, etc.»

Assisti, realmente, á conferencia. O auditorio era, de facto, bom. A assistencia numerosa, em parte por atenção ao Pires Monteiro; em parte, quem sabe se a maior, por se tratar dum ministro da Monarquia. As coisas não o que são.

O titulo da conferencia talvez excedesse as possibilidades do conferente. Temo que o Sebastião Teles não seria um pensador e se o foi, não era o Pires Mont.o que saberia traçar-lhe o perfil como tal. Quando ele me preguntou se eu achava bem o titulo, pensei em lhe dizer, francamente, que o achava excessivo. Entre nós, portugueses, ha muito pouco o sentimento das proporções e como se trata de prestar homenagem, vá de elevar o vizado aos pincaros da gloria.

O Sebastião Teles foi, na verdade, um homem notável a quem o feitio modesto, sem alardes, não deixou brilhar; creio que numa entrevista que saiu em 26 deste mês na Gazeta de Coimbra e foi feita toda por mim (1) ficou este aspecto do homem bem elucidado. Não era figura de primeira plana, mas foi notável como homem de ideias, espírito um pouco filosófico a quem a classe militar apertou em moldes nada elásticos.

Mas pensador, no sentido normal do termo, creio que não seria. É claro que, na carta que deixei acima, não iria agora desgostar o bom Pires Mont.° demais a mais satisfeito, como ficou, com a conferencia. Seria barbaridade e como não fiz os comentários no devido tempo por pouca disposição do meu espírito, agora seria impertinencia e poderia ser, até, mal interpretado qualquer reparo ao título do trabalho.

Deixar passar, que o mundo continuará rodando sobre o seu eixo e o que disse na carta não chega, verdadeiramente, a ser mentira.

Paz: Mafra.

Agosto: 1.

O Alberto Xavier mandou-me o folhe-
to que publicou ha pouco: Insolitas atitudes
criticas, em que responde a certos criticos
que o desaucáram a proposito dos seus tra-
balhos sobre o Romance.

Se bem que, noutros tempos, me dei
bem com o autor, ultimamente parece
que me não conhece quando em Lisboa
nos cruzamos nas ruas. Eu deixo correr,
é claro, e não me aproximo destas creatu-
ras que subiram alto e as quais o olhar fa-
baixo pode causar vertigens.

Admirei-me, pois, da oferta do opus-
culo. Respondi com um cartão de visita
em que dizia o seguinte:

«B... P... agradece a oferta do opus-
culo Insolitas atitudes criticas; e lastima
a falta de serenidade em assuntos onde
parece que ela seria essencial. Bem haja!
Cumprimentos afectuosos do muito grato —
(a) B.P.»

Cumpri com os deveres da boa educa-
ção. Vamos a ver agora se, quando nos
encontrarmos na rua, ele me reconhece.

Paz. Mafra.

Agosto : 3.

O escultor Julio Vaz completa hoje 70 anos. Limite de idade oficial, por conveniencia.

Ha dias encontrei-o em Lisboa. Todo branco, mas com aparencia ainda fresca. Trajo de homem muito mais novo. Ar de optimismo. E comtudo, teve na vida desgostos profundos dos quais uma vez me confessou dois que me não atrevo aqui a mencionar.

Como a vida é... Vão lá fiar-se nas aparencias!

E' homem sério, de principios. Teve-se mantido com dignidade quer na vida de artista quer na vida politica e social.

Queira ainda trabalhar muito e com mais liberdade. Assim seja.

Que a vida lhe corra com o mesmo optimismo!

Paz: Mafra.

Agosto : 6

Recebi ontem o volume Anorexia mental, do dr. Elisio de Moura, com oferta amavel. Admirei-me um pouco da oferta pois as nossas relações são apenas cerimoniosas, mas fiquei, não sei porquê, com

pouco sensibilisado. Agradeci-lhe hoje em carta, na qual com os agradecimentos lhe declarava que me sentia muito honrado com a oferta.

E disse a verdade.

Paz. Mafra.
Agosto: 8

Carta ao Mario Cardoso, de Guimarães, que não necessita explicação:

«... Ainda estava em divida de uma carta sua quando recebi o magnifico volume da correspondencia do Martins Sarmento com Hübner. Varias contrariedades, a vinda p.ª este canto e os cuidados com uma Neta que aqui está doentita foram demorando os meus agradecimentos. Muito e muito obrigado por todas as suas atenções q. vão alem do que mereço.

«Este volume de correspondencia dos dois sabios é na realid.e obra de tomo e, deixe-me dizer-lhe com franqueza e sem sombra de lisonja: não sei se o seu merecimento vem mais das cartas trocadas se das anotações e comentarios feitos pelo meu ilustre Am.º que só por si são um monumento de alta responsabilid.e e de indiscutivel prestimo. Quero crer que se o nome

do cor.l Mario Cardoso não fosse já tão conhecido e respeitado pela probid.e e profundeza dos seus estudos, estes comentarios e notas dar-lhe-iam segura nomeada. Sei calcular o que vale um trabalho desses e por isso, ao apreciar o volume, pensei se a sua contribuição não terá mais valia que a colectanea epistolar que lhe deu causa.

«Teria na sinceridade e simplicidade desta apreciação.

«Na sua carta pergunta-me quando darei eu um salto a Guimarães? Guimarães nêres, ai de mim! eu projecto uma ligeira excursão ao Norte, a Amarante, p.a ver um velho amigo; a Caldelas, para repouso e tratamento; e a essa terra cuja paisagem ainda tenho nos olhos e que eu desejaria voltar a ver com vagar.

«Mas que quer? A m.a vida não me proporciona prazeres; e aqui estou durante o verão, acompanhando doentes, tendo alguma coisa e sem vontade de trabalhar. A velhice bate á porta — e que fazer?....

«O que lhe desejo, meu caro Camarada e Am.o é a melhor saude e que a sua vida corra sem atritos e desgostos para não só gosar a companhia dos seus como para lhe dar ensêjo de mais trabalhos notaveis como este que a sua generosidade me ofe-

1501

oferecen tão cativantemente. E creia-me, meu caro Mario Cardoso, etc. »

Paz: Mafra

Agosto: 9

Vem hoje nos jornais uma noticia que vai alem de todo o limite razoavel.

O general espanhol de Badajoz veiu a Evora visitar o Luis Sampaio, comandante da Região. Não sei a que proposito mas isso não importa. Os dois generais andam sempre em cumprimentos e tagatés por dá cá aquela palha. Bem hajam.

Mas, desta vez, o espanhol veiu visitar o de Evora e no discurso com que o Sampaio agradeceu a visita ha este passo que recortei da 1ª pagina do Diario de Noticias de Lisboa:

> No salão nobre do Quartel General o sr. general Luís Sampaio, usando da palavra, saudou o ilustre visitante. Afirmou ser com a maior satisfação que o recebia no Quartel General da IV Região e o considerava, enquanto permanecesse em Evora, comandante desta região. Saudou a Espanha, de quem se disse extremamente amigo.

Etc. etc. O que é essencial para o meu reparo é o passo em que o patéta do Sampaio transmite os poderes de comandte. ao general espanhol durante a permanencia em Evora. Parece-me um caso de certa gravidade esta concessão — ou eu estou a ver

as coisas erradamente e com oculos de esparo-fobia. Tudo pode ser.

Em todo o caso, a verdade é que ontem viemos em Evora, embora por umas horas, em sucessor de D. João de Austria

Paz: Mafra.

Agosto: 10.

Carta ao velho amigo Eduardo da Cunha Oliveira. Segue sem mais explicação porque a não precisa:

«.... — De mais, a monotonia do lugarejo é a mesma. O ron-ron dum moinho de vento que a 300 m. lança aos ares a tristeza dos soluços de derenas de cabaças presas ás vergas, é o verdadeiro simbolo deste deserto. Sintra, ao longe, sempre com o seu capêlo de neve; e o mar, um pouco mais perto, a berrar de mar em quando — eis o canario banal e constante.

«E eu, no meio de tudo isto, sem estimulo para o trabalho, olho com tristeza os meus tres volumes das Ideias do Baldaque aqui mesmo em frente, na mêsa em que escrevo e lastimo o seu abandono.

«O poeta Miguel Torga chama a um livro acabado de fazer, algumas toneladas de energia consumidas; e na verdade fi-

co-me a pensar como eu andei 35 anos a meditar naquilo e ha cinco me desunho a escrever e a arquitectar um edificio que ainda verdadeiramente não tem telhado!

«Vamos a ver o que virá. Ao deitar-me, para conciliar o sôno que nem sempre vem logo, procuro a chave final da obra, para dar remate que condiga com o conjunto; mas no dia seguinte não consigo concretizar o que vagamente, na verpera, imaginei. E assim os dias vão passando e eu não termino aquela parte do trabalho que no conceito popular é sempre a piór de esfolar...

«Vamos a ver. De um momento para o outro, numa aberta de boa disposição, póde ser que largue as velas á fantazia e... pronto! Ponho o Saldanha no seu pedestal e entoando a tuba de Clio direi, como o bom do Horacio, que lhe erigi um monumento para todo o sempre. Assim será.

«E como tem passado de saude, etc.»

Ora o caso do D. João de Austria a que ontem me referi com estranheza, deu-me que pensar. Na primeira impressão depois de ler a noticia, estive para escrever simplesmente um cartão: «Meu caro "Sampaio: espero que desminta a noti-

"cia hoje lida nos jornais ... etc. etc. » Mas o que poderia suceder?

O Galeta, que ainda cheio de embofia, era capaz de participar ao ministro a minha falta de respeito para com um legítimo superior ... E estou convencido de que ninguem me daria razão.

D. João de Austria! D. João de Austria! E andou D. Sancho Manuel a esbofar-se para te pôr fóra de Portugal! ...

Paz: Mafra.

Setembro: 13.

Carta ao Augusto Casimiro que tambem não necessita de prologo. Traduz estado de espirito e mostra esboço de critica em q. aliás não sou forte.

« ... Aqui vim ter, em boa hora, a sua Lisboa Mouriosca. Bem haja! A oferta veio alegrar-me e trazer a certeza de que ainda não sou de todo esquecido. Dirão-me envelhecer, meu Snr.º, e as preocupações constantes só me deixam ver escuro em frente. Por isso, neste recanto onde passo o verão, a sua lembrança me deu alguma alegria.

« Já devia ter-lhe escrito e agradecido a boa intenção; mas passo os dias mais ou menos apatico, enchendo as horas mais tran-

quilas com leituras para distrair o espirito: desde Seneca e Montaigne que são lidos por conta-gotas até ao jovial Paulo de Kock ou ao Gervasio Lobato, em grande quantidade nesta casa[1] que, francamente, não deixam de ser espanadores de tristezas...

« E aqui tem. As suas evocações aos rapazes do seu tempo em carta que aqui tenho presente e a que queria responder com calma e boa disposição são, pois, quasi dolorosas. Meu caro Casimiro: o tempo passou. Os nossos passeios, as palestras, as evocações de Arganil, etc. etc. — isso já la vai tudo e não volta.

« Mas não estejâmos com trênos insulsos. A sua Lisboa Mourisca é um belo livro, limpo e saudavel, como sempre são as suas producções; é uma cronica da epoca, ligeira, sem aparato erudito, mas documentada com seriedade. As evocações são belas e a leitura é facil e atraente. Oxalá venham bréve essas outras cronicas que anuncia. O programa interessa muito. Por mim, agora, limito-me a aplaudir; já dei o que tinha a dar se é que alguma vêz dei coisa que se visse.

« Meu caro Casimiro: desculpe a demo

---

(1) Pertenciam a Licinio da Silva.

ra deste meu agradecimento, ha muito de vido. Repito: bem haja por tudo! Um grande abraço, etc. »

Paz: Mafra.

Outubro: 3

Faço hoje 68 anos. Pensando um pouco, pergunto: de que me serviram estes 68 anos de vida? ou que utilid.e tiveram elas em relação aos outros ou á sociedade?

Fica a pergunta para a Historia responder se é que a Historia vale a pena ocupar-se dos que nada fizeram...

Paz: Mafra.

Outubro: 5.

Ha 37 anos proclamou-se a Republica. Dia de vãs boas esperanças!

Lembro-me bem de que a m.a alegria foi pouca; parece que previa toda a serie de desastres e traições de que ela foi vitima.

Foi, na verdade, um grande dia.

Mas no dia imediato já todos pensávam mais concretamente...

Ora hoje, no Primeiro de Janeiro, um artigo de fundo, perfeitamte á data historica veio um passo que me fez pensar e que deixo aqui, recortado do jornal, por curiosidade:

Hoje, a trinta e sete anos de distância, quem não foi contemporâneo destes acontecimentos custa-lhe naturalmente acreditar que 30 ou 50 mil pessoas se juntassem para ouvir a palavra estridente do dr. António José de Almeida e do dr. Afonso Costa, a lógica destruidora dos algarismos do dr. António Luís Gomes e Barros Queirós, a voz calma e serena do dr. João de Meneses, a argúcia e sarcasmo do dr. Brito Camacho, os arrebatamentos oratórios do dr. Alexandre Braga, a voz profética do dr. Bernardino Machado, e de tantos outros que a morte já ceifou.

«Na verdade, nos dias que passam, parece que esses tempos são maravilhosos.

Quando às vezes falo destes homens a gente nova, fico com a impressão de que me não acreditam.

E é possível.

Paz : Mafra.

Outubro : 11

Chegou hoje aqui O Despertar que jornalisticamente me informava do pouco que há por Coimbra. «Numa secção d'esquina de Saussão, da autoria do Octaviano de Sá vem a notícia de que deixo, ao lado, o competente recorte. O safado, causador, segundo parece, principal de a Escola Livre não estar entregue aos so-

A E cola Livre

Aos jornais veio a seguinte noticia que registamos com vivo aplauso :

« ESCOLA LIVRE DAS ARTES DE DESENHO – A Casa do Distrito de Coimbra, que muito se tem interessado pela conclusão das obras da Escola Livre das Artes de Desenho naquela cidade, aproveitando a visita do ministro das Obras Públicas à nossa cidade universitária, renovou o seu interêsse por uma iniciativa que muito irá beneficiar a formação de artistas de Coimbra »

Oxalá que a Casa do Distrito de Coimbra, em Lisboa, tenha a virtude de conseguir o acabamento de tais obras, a eternizarem-se como as proverbiais de Santa Engracia

A Escola Livre das Artes do Desenho, é uma instituição gloriosa dos Artistas de Coimbra, com tradições e honrosos serviços à causa da Arte, podendo vir a continuar a sua acção altamente meritória

Por quê tão longo «compasso de espera» em tais obras?

cios, vem brincar como se estivesse interessado na boa resolução.

É bem certo: o que o berço dá, a tumba o leva. Este Octaviano de Sá nunca deixará de ser o que sempre tem sido. Adeante.

Este recorte é do nº 3091 do jornal, do dia de hoje, 11 de Outubro.

Paz: Mafra.

Outubro: 13

Ha dias, em Mafra, fui ao museu da Casa do Povo. Já desde o ano passado prometera ao organizador e ~~[illegible]~~ director que é o professôr primario Raul Agostinho de Almeida uma visita atenta. Calhou nos ultimos dias de Setembro e lá verifiquei que ha no museu m.to de exterioridade, isto é, certo artificio para dar nas vistas e provocar louvores, como tem provocado.

Mas, enfim, antes aquilo do que nada.

O pior é que o ilustre Agostinho de Almeida teve a má lembrança de me mandar aqui o livro de honra dos visitantes

para eu deixar exaradas nele as minhas impressões. Consideram-me visitante ilustre...

Não tenho outro remédio senão deixar rabiscada qualquer coisa. E eis o que resolvi escrever:

«A respeito de museus regionais e em especial dos museus em que se guardem as provas das chamadas actividades populares, tem-se dito muito e bem. O que posso dizer aqui é que este pequeno museu é uma feliz realização que deveria servir de estímulo p.ª outros concelhos; o seu organizador conseguiu dar em conjunto agradável apesar da localização não ser das melhores e a instalação pouco afortunada, a impressão daquelas actividades do povo. E seria m.to para desejar que houvesse quem, fundado neste belo conjunto, escrevesse uma monografia ou memória na qual se encarassem os aspectos mais salientes das mesmas actividades - e em q.to se fixassem, por ex.º, as razões da fraca evolução da cerâmica local que é a de maior e mais curiosa representação mas que ainda se mantem em muito atraso.

«Creio que foi Eça de Queiroz quem disse que a Arte é a História da Alma. Ora

essas monografias seriam, entre outras coisas, uma sondagem da alma desses modestos artistas que, desde séculos vêm mantendo as mesmas formas e a mesma técnica sem se preocuparem muito com os progressos que lhe andam á volta.

«Mas, enfim, o que há, muito digno de menção é a intenção do organizador e o esforço muito de louvar, da realização que é de esperar continue em evolução com o que todos vêem a lucrar: o Povo que poderá melhor compreender e os etnógrafos que poderão encontrar seguros elementos de estudo.»

É pronto. É mesmo assim foi como que o arrancar dum dente sem anestesia.

Seja tudo pró desconto de qualquer pecadilho...

Paz: Mafra.

Outubro: 23.

O Madail, o ilustre Madail mandou-me um opúsculo: Desenhos de Mestre António Augusto Gonçalves para um projectado roteiro do Porto.

Mais uma boa contribuição para a biografia e bibliografia. Escrevi-lhe com muitos agradecimentos e amabilidades

como não podia deixar de ser. No final da carta, quando assinei, disse de mim para mim que é triste esta situação: ter de ser amavel e atencioso com esta creatura...

Mas que se ha-de fazer?

Paz: Mafra.
Novembro: 6

Depois de uns dias em Lisboa onde vim a saber coisas extraordinarias da politica que receio escrever aqui, voltei á Paz p.ª a apanha da azeitona.

E cá estou na doce paz dos campos...

Estive com o Pires Monteiro, uma tarde, na Revista Militar e tive de lhe fazer frente perante uma suspeitão que me disse ter mand.º em carta que, de facto, aqui vein parar na m.ª ausencia.

Quere ele que para o ano do centenario da Revista que é o de 1848 eu escrevesse qualquer artigo especial e que esse artigo fosse: Um seculo de literatura militar: livros e revistas. Confesso que me seria agradavel o têma mas só o poderia desenvolver se mo tivessem lembrado ha anos. Não é artigo que se escreva de pé para a mão.

O que eu pensava escrever era outra coisa: O Exercito em 1849 ano em que se

lançou o periodico; faria um quadro da epoca e da influencia da Revolução de 48 no nosso exercito, etc. etc. Já tenho varios elementos colhidos e pensado na linha geral do artigo. Mandei dizer isto hoje ao Pires Mont.º porque no dia da nossa conversa surgiu o ilustre Gualberto de Melo, medico meu patricio e aldrabão democratico, falador e mais coisas ainda, que interrompeu o fio das nossas considerações; e no dia 1 deste mês quando voltei á Revista fº. me despedir estava lá o não menos ilustre general Raul Esteves a quem não tenho interesse em falar e cuja presença me incomoda um pouco.

Afinal terei que escrever qualquer coisa e vejo-me com o tempo tomado. Quando terei eu coragem para dizer simplesmente que não? Assim, com estas bagatelas que me não interessam, vou deixando correr os dias e os mêses e não faço aquilo que desejo.

Raio de vida! Estas minhas cerimónias dão-me cabo dos nervos.

Coimbra

Novembro: 16

Cheguei hoje, ao fim de quatro mêses de ausencia. Coimbra teve já para mim

o efeito dum pesadelo — vultos são os pro
blemas que aqui venho encontrar.

A morte do abade do Baçal causou-
me inveja. Que vida sossegada ele teve,
tranquila, sem sobressaltos! Conseguiu
trabalhar quanto queria e como queria e,
afinal, veio a morrer como viveu — em
paz.

Não é dado a todos uma tal vida.

Coimbra.

Novembro: 24.

Problemas, problemas, problemas...

Coimbra.

Novembro: 30

O Laranjo Coelho atingiu os 70 anos.
Por consequência... fº o meio da rua, e
venha outro.

O homem tem sido sempre muito
amável comigo. Parecem-me que não se
ria de mais uma cartinha afectuosa, em
termos de camaradagem, etc. etc. E na
verdade escrevi-lhe hoje. Desejei-lhe lar
ga vida fº trabalhar [illegible] ao mesmo tem-
po que lhe desejava o merecido descanço.

Enfim, uma carta diplomática como
convinha. E lá foi.

Gois

Dezembro: 10

Vim ao casamento da Maria Helena Baeta da Veiga com o António Moreira de Figueiredo, ambos medicos.

Festa rija, cheia de alegria, que alvoroçou a pacata vila, sempre amadorrada no sopé do Rabadão e á sombra solene do Penedo de Gois. Movimento de automoveis com gentes de varia proveniencia: de Leiria, de Coimbra, de Lisboa, de Viseu, das sete partidas onde havia um amigo para convidar.

Dois salões com enormes mêsas a abarrotar de comezaina fina, duma espantosa abundancia. No solar dos Paula Nogueira havia azafama alegre; no corredor central cruzavam-se os dônos da casa e a creadagem no intuito de bem servir a aluvião de convivas.

Lá fóra, meia escondida, a filarmónica local esperava o momento solene da entrada dos noivos p.ª romper em girandola de notas estridulas. Havia qualquer coisa de pitoresco e de afectivo no ambiente que eu lamento não poder agarrar com a pena com que escrevo para deixar quadro curioso sem faltar muito a verdade. E' claro que a festa teve motivos

comuns a muitas outras festas; mas para mim, áparte a alegria dos noivos que me chegou a sensibilizar, houve um aperitivo notável que não poderei esquecer aqui: a presença de Aquilino Ribeiro.

O Aquilino Ribeiro em Goes!

Nunca vira o Aquilino e fazia dele uma ideia completamente diferente. Aquele Libório Barradas da Via Sinuosa e que reaparecera nas Lapides Partidas era, para a minha imaginação, um sujeito rude, de feições duras, másculas, de moreno carregado; um ou outro retrato que lhe tem aparecido não desmentiam a impressão que era completada por certas informações particulares, colhidas aqui e ali.

Quando o Cristovão Moreira de Figueiredo me disse que ele apareceria em Goes senti o natural alvoroço de quem, pela primeira vez, ia ver um homem notável mas, ao mesmo tempo pouco interessa pela pessôa que, não sei porquê, me não era simpático. Entre os livros admiráveis e o autor havia diferenças grandes. Lembrava-me de que o Libório insultara a mãe: sua negra! sua cadela! e de q. nos seus amores aparecia sem escrupulos, grosseiro, material, sem parcela de elevação. Depois, a maneira como respon-

de ás criticas feitas aos seus romances não me inculcáva creatura de tolerancia compreensiva; e a maneira de escrever, os assuntos tratados, certo conjunto da sua obra, pareciam-me que o definiam como intratavel.

Mas, quando, na igreja, na altura da cerimonia do casam.to o Moreira de Figueiredo me segredou com certa comoção: «já ca temos o Aquilino...» e apontou vagamente p.a um grupo de individuos que saboreávam o tumulo renascença da capela-mór, eu olhei e dos quatro homens juntos não divisei o vulto que me desse a impressão do romancista. No entretanto, sabendo que iria ser apresentado, lembrei-me do caso do Eça de Queiroz quando se aproximava do Fradique e de que poderia parafrazear:

— A prosa de V. Ex.a é como o granito duro das serras do Dêmo, com laivos classicos que aqui e alem o amaciam e lhe dão vida... etc.

Mas qual!... Não me deu tempo para arranjar uma frase bonita ou pelo menos cortêz. O grupo veiu pela igreja abaixo e o Cristovão de Figueiredo aproximou-se e apresentou-me ao Aquilino, a um dr. Gouveia advogado não sei se em Lisboa

e ao dr. José (?) Gomes Mota, medico e professor liceal. Fiquei verdadeiramente surpreendido: a pessoa a quem me apresentaram como Aquilino Ribeiro não era o q. eu imaginara! Haveria mistificação?

Na mª frente estava um homem com aparencia de novo, rosto ainda fresco, olhar vivo, azul; cabelo corredio, lançado para traz, já esbranquiçado mas que mostrava ter sido loiro claro; no aspecto geral, certa elegancia de maneira, atencioso, mesureiro mesmo... Era aquele o autor Aquilino da Via Sinuosa que na infancia gritava para a mãe: sua negra! sua cabra! e que ali, na igreja de Gois se desfazia em mesuras seu artificio?

O historião de Fajaeiredo murmurou:

— Este sr. coronel é dos nossos... e desejava conhece-lo...

Eu vim então de dizer qualquer coisa alem do vulgar «muito prazer...» para justificar a piedosa mentira do apresentante; e como o Eça com o Fradique esqueci-me da frase lapidar e disse apenas:

— Na verd.e tinha vontade de o conhecer pessoalmente. De mais, já conheço V. Ex.ª há muito, creio que... (e fiz um gesto vago, como de quem abrange larga extensão de terra, muito para alem de

Gois e seus arredores)... creio que desde o Jardim das Tormentas...

Ele teve um sorriso, de homem habituado a todas as lisonjas; e com ar de tristeza concluiu:

— Já lá vai um bom par de anos...

E aqui está como conheci o Aquilino Ribeiro. Felizmente um grupo de damas passou e separou-nos; e foi bom porque o diálogo seguinte seria difícil quer para ele quer para mim.

Daí por diante passei a observa-lo, á socapa. Ainda tivémos uns momentos em que conversámos a propósito do filho mais novo que foi discípulo da M.ª Helena; o todo cuidadoso e ateniçoso admirámo-lhe; o próprio vestuário moderno, á inglesa, dava-lhe a impressão do gentleman que desceu, por favôr, a esta modesta aldeia do Beira.

Depois, durante o almoço, ele observou, observou, observou, junto ás paredes da sala principal, por detraz de todos: desde um leque de Coimbra cuidadosamente dentro da sua caixa correcta dava o tom da superioridade, até aos quadros antigos do salão, retratos a carvão de antepassados da família Paula Nogueira, de barbicanas, ou trigodeiras romanticas ou bon

gas pêras solénes. Eu espiei-o, de longe, e quer-me parecer que teremos cronica em qualquer parte ou capitulo em proximo romance que lembre a festança do casamento.

O Aquilo Ribeiro em Gois!... Só estas cinco palavras dariam ~~[illegible]~~ umas paginas curiosas a quem soubesse escrever e a quem soubesse tirar partido dos pequenos nadas.

Eu contento-me com as notas que aí ficam.

Coimbra.

Dezembro: 16.

Escrevi ha tempo, pouco depois de ter morrido o abade de Baçal, ao meu condiscipulo Antonio José Teixeira, de Bragança, que era amigo intimo do morto; pedia-lhe para me representar em futuras homenagens que certamente se promoverão e dizia-lhe um certo num.º de coisas a respeito dos trabalhos do infatigavel escritor e arqueologo.

O Teixeira respondeu-me logo, com amabilidade e solicitou-me licença para entregar a m.ª carta á comissão que em Bragança tomou a seu cargo prestar certas homenagem á memoria do abade.

1590

Ora eu não me lembrava já bem do que escrevera e pedi-lhe, em postal, para não entregar a carta porque mandaria outra para a substituir.

Sempre a eterna mentira!

A outra carta saiu assim:

«Meu caro Teixeira: O conhecimento tardio da morte do bom abade do Baçal (eu estava na aldeia onde os jornais chegávam atrazados) impediu que te solicitasse o favor de me representares no funeral — a que certamente concorrerias como amigo e admirador do morto. Impressionou-me o desaparecimento desse homem com quem tive muito ligeiras mas, para mim, honrosas relações epistolares; sabia-o velho e doente; mas sabia tambem o que fora a sua vida exemplar de homem e de trabalhadôr da Historia e o valor do seu espirito de firme compreensão e tolerancia.

«Vida invejavel, meu caro Teixeira! Longe do mundo, embora atento á vida, ele soube cumprir e sem encontrar arestas, muitos dos deveres dos homens de inteligencia sã e sem ambições. Podes crer q. varias vezes, no meio das preocupações que nos sempre assaltam e na presença de um mundo tão agitado, eu me lembrava

do bom Abade que trabalharia tranquilamente na sua varanda rustica...

«Enfim, meu caro Teixeira: já que não tive a sorte de me poderes representar no enterro do grande transmontano, peço que me representes em futuras homenagens que certamente os amigos e conterraneos não deixarão de prestar como é de justiça. E já que não terei ocasião de ir até ai (onde nunca fui e gostaria ainda de ir) terei ao menos uma digna e honrada representação.

«Crê-me pois am.º velho, etc.»

Coimbra

Dezembro: 18.

Hoje tive a visita do P.e Nogueira Gonçalves. Foram tres horas de conversa agradavel. Falámos de m.ta coisa. Quasi ao fim é que percebi o motivo da visita: era ainda o Madail!

Assim como ha dias, quando no Tovim falei largamente com o Lourenço de Almeida acerca dos entraves que o ilustre Madail poderá por á realização do centenario, assim tambem o Padre está preocupado com a prespectiva dum escolho que o cavalheiro possa arrumar para cima de nós.

E' uma trapalhada. O Padre chegou a dizer-me que cedia o seu lugar se a entrada do Madail para a comissão podesse resolver o problema.

Eu protestei e sinceram.te O Madail na comissão era o desastre.

O Lourenço disse-me que a comissão terá muita semsaboria — e eu quero crer que sim.

Vamos a ver se as coisas se arranjam com geito, com diplomacia.

O Reinaldo dos Santos prometeu vir falar na sessão solene e isto tem grande pêso.

Vamos a ver.

Lisboa.

Dezembro: 31.

Estive hoje nas Janelas Verdes com o João Couto que me recebeu afectuosamente. Fui lá tratar do centenario do Antonio Aug.o Gonçalves, ideia que ele acarinhou como era de esperar.

Gostei de estar com ele, no gabinete da direcção, em cujo arranjo, não sei porquê, quiz ver a influencia coimbrã do velho Gonçalves. E' possivel.

Eu assisti ao desabrochar deste rapaz: o Joãosinho como era chamado nos

tempos de estudante. Fez-se alguem á sombra do Gonçalves cuja lição aproveitou e honestamente.

Hoje é autorid.e em materia de arte, de critica de arte, museus, etc. Está bem naquele lugar.

Falámos de Coimbra — que ele hoje vê a distancia e quasi não compreende já. E ainda bem!

Termina, pois, o ano menos mal: a conversa com o João Couto não foi mau remate.

... E vira o 1948 que começa amanhã!

— 1948 —

1518
1593

Lisboa:

Janeiro: 1

Mais outro... Eles já são tantos!... O que hei-de eu fazer?

.... Ora é de saber que o Rebelo Gonçalves oferecera-me a oração de sapiencia que pronunciou em 1943, na sala dos Capelos, na sessão de abertura da Universidade.(1) Respondi-lhe com a seguinte carta... diplomática:

«.... O opusculo com que V... me honrou tão amavelmente, veio ter aqui ante-ontem, devotido de Coimbra. Creia V... que a atenção foi duplamente apreciada: pela oferta que corresponde a honrosa deferencia p.ª comigo e pelo conteúdo ou seja a bela e notavel oração de sapiencia de 1943.

«Agradeço muito a V... e devo confessar que a oração foi lida logo e comentada

---

(1) As Humanidades classicas e a Universid.ª de Coimbra; 4.º de 34 pag.

com o maior interesse por mim, por minha Filha e por meu Genro, todos apreciadores dos meritos do autor e igualmente apreciadores da defesa e apologia do estudo das Humanidades tão brilhantemente feitas. Muito e m.to obrigado, pois, por tudo: pela gentileza do oferecimento e pela lição recebida, agora que tanto se exalta a cultura do pontapé e do murro como solução para as desgraças do Mundo...

«Aproveito o momento para desejar a V... com as festas alegres, o ano mais prospero e tranquilo, etc.»

E que tal?... A carta parece escrita por ele, com tantas cortezias e zumbaias...

Lisboa.

Janeiro: 5

Centenario do Antonio Augusto Gonçalves. Fui hoje procurar o escultor João da Silva para lhe falar da ideia duma medalha commemorativa.

Que homem interessante! E que casa encantadora — verdadeira casa de artista! Foi encantado.

O João da Silva, artista por temperamento é tambem um democrata sincero; inconformista revelado logo ás primeiras

entradas da conversa que ele sustenta com facilidade e certa elevação.

É simpático e insinuante.

Passei hora e tal no seu estudio que percorri demoradam.te e que é admiravel pelo gosto e pela ordem.

E não dei pelo tempo q. passou.

Lisboa.

Janeiro: 6

Centenario de António Aug.to Gonçalves. Procurei hoje o Reinaldo dos Santos que me marcou hora no Academia das Belas Artes. Recebeu-me familiarmente. Conversámos também familiarm.te. Exaltou a acção do velho Gonçalves não só em Coimbra como no complexo artistico do País. E da conversa quero notar dois passos que julgo dignos disso:

Um foi o Reinaldo afirmar que se deve ao Gonçalves a chamada da atenção para a estatuaria medieval considerada como obra rude e sem valor; foi o Gonçalves o primeiro a fazer ver quanto havia de invenção artistica nessas imagens e capiteis tão desprezados. E então se começou a estudar e a procurar compreender o valor desses trabalhos de imaginarios cheios de alma artistica á procura de forma perfeita.

E achei interessante ver a maneira um tanto ou quanto calorosa como se exprimiu.

O outro passo é tambem muito para considerar.

Quando o Gonçalves publicou a sua obra Estatuaria Lapidar o Reinaldo criticou-a num numero da revista Lusitania [1], mas, acentuou, com elevação. No entretanto ficou com a impressão de que o Gonçalves não gostaria. Passado certo tempo, o Reinaldo foi a Coimbra e, segundo o costume, foi ao Museu Machado de Castro e levava a curiosid.e de ver se, encontrando o Gonçalves, este se mostraria agastado. Ora aconteceu que logo á entrada viu, debaixo da galaria do pátio, a passear, fumando um cigarro, o Gonçalves; dirigiu-se-lhe naturalmente, como sempre fazia e desde que chegou a pequena distancia notou que o Gonçalves o reconheceu e com afavel semblante veiu ao encontro e cumprimentou-o com o mesmo ar amavel de sempre.

— Bem, dizia o Reinaldo, vejo que o Mestre Gonçalves se não agastou com a critica que lhe fiz.

---

[1] A pag. 123 do n.º 1, Janeiro de 1924.

Começou a conversa, naturalmente, sobre generalidades. O Reinaldo confessava-se encantado por ver que as suas discordancias de opinião não melindráram o velho professôr. Mas a pouco e pouco, a conversa foi derivando para a estatuaria em geral; das generalidades descaíu na medieval ao passo que, insensivelmente, o Gonçalves se ia dirigindo para a galaria onde estava exposta a colecção da Idade-Media...

Aqui, sem dar por isso, o Reinaldo estava encaminhado p.ª o assunto que lhe merecera a critica; e o Gonçalves, brandamente mas persuasivamente, perante os exemplares expostos, fez uma verdad.ª lição e tocou habilmente nos pontos de discordancia, com toda a subtileza, como quem conversa para passar o tempo...

Reinaldo ouvia, ouvia, vendo muito bem que aquilo tudo era a resposta á sua critica, mas feita com tal finura e despreocupação que não se atreveu a responder. E terminou o episodio dizendo-me a sorrir:

— Apanhei uma lição mestra. E confesso que me senti subjugado não só pela exposição erudita e cheia de clareza e convicção, como pela maneira delicada, sem

qualquer prurido de superiorid.e, com que me encaminhou p.a a galaria e me respondeu ás minhas observações criticas, sem parecer que o fazia.

E concluiu:

— Foi admiravel. E creio que me convenci...

Gostei de ouvir estes episodios, contados de mais a mais com naturalid.e, como a velho conhecido.

Enfim, o homem aceitou, em principio, o encargo da oração principal na sessão solene com que se inaugurasse ou encerrasse o centenario. Pareceu-me, até, lisonjeado.

Assim seja.

Lisboa:

Janeiro: 8.

Hoje, visita ao estudio ou oficina do escultor Julio Vaz, na Papada das Necessidades, no antigo pavilhão de pintura da rainha D. Amelia.

E' sempre agradavel a entrada em tais casas: arte por todos os lados.

Este Julio Vaz parece-me ser homem de génio, mas limitado por caracter modesto e sem iniciativa; as suas obras traduzem concepções largas que não pode con

cretizar completamente. Isto quererá dizer, em seu favôr, que ha um fundo sério e probo que o não deixa praticar desonestidades quer no sentido civico quer no sentido artistico. A poder de talento e de boa tecnica lá vai arrancando um ou outro prémio, coisa minuscula como são os prémios em Portugal mas que, ao menos, são compensações.

As esculturas de creanças são uma delicia: que enternecimento ele tem para com as creanças, que vida interior que ele dá aos pequenos bustos que perdem a natural frialdade do marmore ou do barro com o sorriso simples dos retratados!

Bela tarde, belas horas passadas a ouvir um artista modesto, desfavorecido, cheio de talento — mas pouco compreendido!

Era digno do melhor sorte.

Ao sair do pavilhão, o sol caía para o mar, envolto em ligeira neblina; os planos recortavam-se subtilmente; havia no ambiente certa tristeza que se casava com a doçura da tarde — e eu, que não aprecio m.to as faladas beleras de Lisboa, ao descer p.a a velha Praça de Armas sentia-me enternecido sem saber porquê.

Seria, de certo, o ambiente artistico da oficina do escultor que me impressionára

a ponto de ver em tudo o que me cercá-va não só vislumbres de Arte como motivos de enternecido apaziguamento interior.

Lisboa

Janeiro: 9.

O dr. Rebelo Gonçalves respondeu com outro agradecimento á carta que ha dias lhe mandei.

Muito zumbaia faz este homem que, afinal, pelos seus meritos, não necessita de curvaturas!

Lisboa.

Janeiro: 10.

Ao chegar a casa, á tarde, tinha um bilhete de visita do Pires Monteiro que me procurou pessoalmente. O cartão dizia: «F.... com um abraço de felicitações "ao laureado em 1947 com o Premio Almi-"rante Osorio.» Quer isto dizer que fui premiado com o prémio Augusto Osorio por um artigo na Revista Militar publicado durante o ano de 47.

Deve tratar-se do artigo acerca da comunicação do Pires Mont.º ao Congresso de 1940 e que eu fiz, por desenfado, numas horas de boa disposição em que resolvera

caçoar um pouco com a Tropa... Esta é que é a verdade.

Nunca vira premiados os meus artigos históricos que foram feitos a serio e representam alguma coisa; eram preteridos por artigos técnicos banais, mal escritos e sem qualquer superiorid.e. Quando mandei o original deste (que é afinal uma patacuada qualquer para épater o pobre diabo de tropa) nunca pensei que poderia merecer o prémio; não o perceberiam, de certo, e, perante revoadas filosoficas, os vogais do juri classificadôr, ficariam estarrecidos...

Assim seria. Fui premiado. Ganharei uns 800$00 creio eu e fico com as honras dum retrato na galaria dos laureados segundo a fraze habitual.

Ora o dinheiro sempre faz arranjo. Demais a mais, as contribuições foram aumentadas.

Lisboa:

Janeiro: 13.

Já sei alguns pormenores do triunfo na Revista Militar.

Um oficial do Estado-maior naval, de apelido Belo, ao abrir a sessão do juri que deveria classificar os artigos dignos do pré

meio, lembrou ao general Teixeira Botelho que presidia (e que me contou isto hoje) que seria preferível não perder tempo com a avaliação dos artigos do ano de 47, porque o meu estava bem acima de todos os outros que não admitia discussão.

Sirvo-me aqui das expressões do general.

Os outros membros do juri disseram que também tinham a mesma impressão e assim, a reunião se limitou ao trabalho de fazer a acta em que, por unanimidade o meu artigo Os conhecimentos militares como ciencia social foi apontado para o premio Almirante Soares.

O que para mim é mais curioso e notavel é a iniciativa partir dum oficial de marinha que eu não conheço e em quem nunca ouvi falar; e ainda os quatro membros do juri serem rapazes novos e dos Estados-maiores da marinha e do exercito. Assim vejo que os novos não se desprezam com o reconhecimento do trabalho dum velho que exaltava os valores do espirito contra a materialid.e actual. E' talvez a melhor lição que se poderá tirar deste episodio da minha vida que, se de começo me parecia grotesco, teve afinal alguma coisa de promissor.

Coimbra.

Janeiro: 25.

Os jornais já começáram a badalar a grande nóva do prémio...

Em quasi todos, a nota oficiosa da Revista Militar espalhou urbi et orbi o triunfo. Uma ou outra pessoa me tem dado os parabens, com ar sério, como se o caso correspondesse a um capelo honoris causa. Um empregado do Lisboa & Açores disse-me q. lera a notícia, num café, conversando com uns amigos; e que um deles comentara: «Correram com ele, mas no fim de contas é ele quem ganha os prémios» — comentario que não deixa de ter certa filosofia.

Coimbra.

Janeiro: 27.

Ainda o prémio... A Gazeta de Coimbra de hoje dá a notícia e põe em relevo o meu nome. É caso raro; quiz desta vez ser amanel — mas eu é que não agradeço.

Estes jornalistas de Coimbra julgam-se gran-

«Revista Militar»

Já foram distribuidos os prémios referentes a 1947, concedidos por esta antiga revista. O *prémio Almirante Augusto Osório* foi atribuido ao sr. coronel Belisário Pimenta, pelo seu artigo intitulado «Os conhecimentos militares como ciência social».

Também foram contemplados com outros prémios os srs. coronel Ribeiro da Costa, major Baptista Barreiros e capitão Hermes Oliveira.